



O conceito de espaço na obra de António Cândido

<http://www2.uftm.edu.br/joeel/index.php/pt-BR/>
vjoeel@esev.ipv.pt
Escola Superior de Educação - ESEV
Rua Maximiano Aragão 3504-501 Viseu, Portugal
Telefone: +351 232419000

VI JOEEL

Jornada Internacional
de Estudos sobre o Espaço Literário

26
27
28
109
2018



Espaço & Literatura

narrativa
poesia
drama
(...)

Espaço e Outras Manifestações Artísticas

cinema
pintura
escultura
(...)

<http://www2.uftm.edu.br/joeel/index.php/pt-BR/vjoeel@esev.ipv.pt>

Escola Superior de Educação - ESEV
Rua Maximiano Aragão 3504-501 Viseu, Portugal
Telefone: +351 232419000





CADERNO DE RESUMOS



Jornada Internacional de Estudos sobre o
Espaço Literário

Dias 26, 27 e 28 de setembro de 2018

Viseu – Portugal





COMISSÃO ORGANIZADORA

Ana Maria Costa Lopes
Fernando Alexandre Lopes
Oziris Borges Filho

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexander Meireles da Silva (Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão)
Ana Maria Costa Lopes (ESEV – Instituto Politécnico de Viseu)
Ana Maria Oliveira (ESEV – Instituto Politécnico de Viseu)
António Rodríguez Celada (Universidade de Salamanca)
Cristina Mello (Universidade de Coimbra)
Cristina Sá (Universidade de Aveiro)
Henriqueta Gonçalves (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)
Isabel Aires de Matos (ESEV – Instituto Politécnico de Viseu)
João Paulo Balula (ESEV – Instituto Politécnico de Viseu)
Jorge Luiz Marques de Moraes (Colégio Pedro II - Rio de Janeiro)
Luciana Moura Collucci de Camargo (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)
Luís Alberto Mourão (ESEVC – Instituto Politécnico de Viana do Castelo)
Maria da Graça Sardinha (Universidade da Beira Interior)
Maria Dalila Rodrigues (ESEV – Instituto Politécnico de Viseu)
Maria Imaculada Cavalcante (Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão)
Marisa Martins Gama-Khalil (Universidade Federal de Uberlândia)
Oziris Borges Filho (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)
Pedro Balas Custódio (ESEC – Instituto Politécnico de Coimbra)
Sally Parry (Universidade de Illinois – EUA)
Sidney Barbosa (Universidade de Brasília)
Susana Amante (ESEV – Instituto Politécnico de Viseu)



PROGRAMAÇÃO e RESUMOS

VI JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O ESPAÇO LITERÁRIO (JOEEL)



UMA REALIZAÇÃO DO **TOPUS – GRUPO DE PESQUISA SOBRE ESPAÇO, LITERATURA E OUTRAS ARTES**

APOIO: ESEV e UFTM

PROGRAMAÇÃO

Dia 26 - quarta-feira

10:00-10:30	Momento musical: Canto e piano (compositores portugueses e brasileiros) - Professoras Cristina Aguiar e Alla Sosnovskaia	
10:30 – 11:00	<p>CERIMÓNIA DE ABERTURA</p> <p>João Luís Monney de Sá Paiva – Presidente do Instituto Politécnico de Viseu.</p> <p>João Paulo Balula – Presidente da Escola Superior de Educação de Viseu.</p> <p>José Carlos Sousa- Diretor do Conservatório de Música de Viseu</p> <p>Fernando Alexandre Lopes – Diretor do Departamento de Ciências da Linguagem (ESEV); membro do grupo TOPUS.</p> <p>Sidney Barbosa (UnB) – Líder do “TOPUS” – Grupo de Pesquisa sobre o espaço literário e outras artes.</p> <p>Oziris Borges Filho (UFTM/UFG-Catalão) – Líder do “TOPUS” – Grupo de Pesquisa sobre o espaço literário e outras artes.</p>	
11:00- 12:00	Conferência de Abertura	<p>Conferencista: Prof. Dr Robert Tally (Texas State University-USA)</p> <p>Título: <i>Mapping Literature</i> (teleconferência)</p> <p>Moderação: Ana Maria Costa Lopes (ESEV/IPV)</p>
12:00 – 14:00	ALMOÇO	
14:00 – 14:30	Debate, com a participação, via Skype, do Prof. Robert T. Tally	
14:45 – 16:45	Visita guiada à parte histórica da Cidade de Viseu	
17:00 – 17:30	CAFÉ	
17:30 - 18:00	LANÇAMENTO DE LIVROS	
18:00 – 19:00	Dão de Honra	



DIA 27 - Quinta-feira

9:00 – 10:30	Mesa-redonda 1: Mediador: Oziris Borges Filho	Igor Rossoni (UFBA) – Espaço contro/verso: Cândido sobre as lentes da enunciação Carlos André Pinheiro (UFPI) – António Cândido e a estruturação do espaço na Poesia Marisa Martins Gama Khalil (UFU) – António Cândido, o observador literário
10:30 – 11:00	CAFÉ	
11:00 – 12:30	Mesa – redonda 2: Mediador: Igor Rossoni	Silvana Maria Pantoja dos Santos (UFMA/UFPI) – António Cândido e o avesso da autobiografia: possível diálogo com o espaço literário. Fernando Alexandre Lopes (ESEV/IPV) - Os espaços queirosianos do campo e da cidade, à luz de António Cândido, em <i>Tese e Antítese</i>
12:30 – 14:00	ALMOÇO	
14:00 – 15:30	Sessão de comunicação 1	
15:30 – 16:00	CAFÉ	
16:00 – 17:30	Sessão de comunicação 2	
20:00	Jantar	

DIA 28 - Sexta - feira

9:00 – 10:30	Mesa-redonda 3 Mediador: Sidney Barbosa	Oziris Borges Filho (UFTM/UFMG) – A concepção de espaço em <i>A Formação da Literatura Brasileira</i> Maria João Simões (Univ. Coimbra) – Estetização de ambientes: ideias sobre o espaço social em Literatura e Sociedade, de António Cândido
10:30 – 11:00	CAFÉ	
11:00-12:30	Mesa – redonda 4:	



Sidney Barbosa (UnB) – Elementos da sociologia do espaço rural e o urbano literário : de *Os parceiros do Rio Bonito* ao universo romanesco de Zola
Luciana Moura Colucci de Camargo (UFTM):
 António Cândido e o romantismo brasileiro

Mediador:
 Henriqueta Gonçalves

12:00 – 14.00	ALMOÇO	
14.00 – 15.30	Sessão de Comunicação 3	
15.30 – 16.00	CAFÉ	
16.00 – 17.30	Sessão de comunicação 4	
17:30 - 18:00	Momento musical: Orquestra de acordeões do Conservatório de Música de Viseu	

18:00 Plenária do Grupo *Topus*



PROGRAMAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

Dia 27 de setembro

PROGRAMAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO		
Dia 27 de setembro		
Sessão 1	<p>Sala 1</p> <p>Coordenação:</p> <p>Maria João Simões</p>	<p>1. QUARTOS: ESPAÇOS DE REGISTRO DA EXPERIÊNCIA URBANA</p> <p>CLAUDIA DE AZEVEDO MIRANDA</p> <p>2. DO CASARÃO À TAPERA: AS MORADAS INSÓLITAS NA LITERATURA SERTANISTA</p> <p>BRUNO SILVA DE OLIVEIRA</p> <p>3. UM DESERTO NO APARTAMENTO A PAIXÃO DO LUGAR SEGUNDO G.H ou dos «LUGARES» DA PAIXÃO DA ESCRITA EM CLARICE LISPECTOR</p> <p>HUGO AMARAL</p>
	<p>Sala 2</p> <p>Coordenação:</p> <p>Fátima Susana Amante</p>	<p>1. ANÁLISE TRADUTÓRIA SOBRE A NARRATIVA ESPACIAL DOS POEMAS DE WANG WEI, POETA DA CHINA ANTIGA</p> <p>ZHIHUA HU</p> <p>MARIA TERESA ROBERTO</p> <p>2. TRANSLATION and RE- IMAGE[I]NATION AS LOCUS AND FOCUS IN CHILDREN'S LITERATURE</p> <p>SUSANA AMANTE</p> <p>ANA MARIA COSTA LOPES</p> <p>SUSANA RELVAS</p> <p>VÉRONIQUE DELPLANCQ</p>



		<p>3. RELAÇÕES ENTRE O ESPAÇO E A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM DO POETA: UM ESTUDO METACRÍTICO DE <i>O ALBATROZ E O CHINÊS</i></p> <p>ELISABETE DA SILVA BARBOSA</p>
<p>Sala 3</p> <p>Coordenação</p> <p>Sara Reis da Silva</p>		<p>1. ESPAÇOS BIPARTIDOS: CONSTRUÇÃO DIEGÉTICA E GRAFISMO EM AS DUAS ESTRADAS, de ISABEL MINHÓS MARTINS e BERNARDO CARVALHO, e CONTA-QUILÔMETROS, de MADALENA MATOSO</p> <p>SARA REIS DA SILVA</p> <p>2. REPRESENTAÇÕES E REDIMENSIONAMENTOS DO ESPAÇO no LIVRO-ALBUM: «UMA SUBTIL FORMA DE CUIDADO»</p> <p>DULCE MELÃO</p> <p>3. ESPAÇO LITERÁRIO, EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E LÚDICA: FORMAÇÃO DE PEQUENOS LEITORES EM CONTEXTOS EDUCATIVOS</p> <p>CAROLINE MACHADO</p>
<p>Sala 4</p> <p>Coordenação:</p> <p>Ana Maria Costa Lopes</p>		<p>1. <i>IT CAN'T HAPPEN HERE - OR CAN IT?: de WINTHROP a WINDRIP ou a AMÉRICA COMO ESPAÇO UTÓPICO, HETERÓTOPICO OU TOPOFÓBICO</i></p> <p>SUSANA RELVAS</p> <p>ANA MARIA COSTA LOPES</p> <p>SUSANA AMANTE</p> <p>2. A KINDRED BETWEEN THE HUMAN BEING AND THE LOCALITY: ANCESTRY AND PLACE IN 'SALEM LITERATURE'</p> <p>CLARA REIRING</p>



<p>14:00-15:30</p>	<p>Sala 5</p> <p>Coordenação:</p> <p>Pedro Balaus</p> <p>Custódio</p>	<p>1. NATUREZA E ESPAÇO: ANTONIO CANDIDO E A RECEPÇÃO DE GONÇALVES DIAS E GUIMARÃES ROSA</p> <p>LÍVIA FERNANDES NUNES</p> <p>2. ESPAÇOS REVERSOS DO HERÓI e do ANTI-HERÓI na HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA</p> <p>PEDRO BALAUS CUSTÓDIO</p>
<p>Sessão 2</p>	<p>Sala 1</p> <p>Coordenação:</p> <p>Isabel Aires de Matos</p>	<p>1. ESPAÇO E CORPORIEDADE DOS OBJETOS NOS CONTOS CADEIRA E COISAS, DA OBRA OBJECTO QUASE, DE JOSÉ SARAMAGO</p> <p>KARINE DE ARAUJO LIMA</p> <p>TIAGO BARBOSA SOUZA</p> <p>2. QUAL O ESPAÇO PARA O CORPO EM UM MUNDO CEGO? REFLEXÕES SOBRE A VISÃO E O CORPO FEMININO NA OBRA: ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, DE JOSÉ SARAMAGO.</p>



		<p>ALEXANDRA LOPES DA CUNHA</p> <p>3. BOLHAS URBANAS, LUGARES HÍBRIDOS DO CONTEMPORÂNEO</p> <p>CLAUDIA DE AZEVEDO MIRANDA</p>
<p>16:00-17:30</p>	<p>Sala 2</p> <p>Coordenação:</p> <p>João Paulo</p> <p>Balula</p>	<p>1. POEMA SUJO E A COMPOSIÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE</p> <p>PABLO RODRIGO DA SILVA MARTINS</p> <p>2. SÃO LUÍS EM CENA: MUTAÇÃO E RESISTENCIA NO ROMANCE SEMPRE SERÁS LEMBRADA, DE JOSUÉ MONTELLO.</p> <p>THALITA DE SOUSA LUCENA</p> <p>3. INTERFACES ENTRE O ESPAÇO TEATRAL, O CORPO E A MEMÓRIA: REPRESENTAÇÕES DO CAMPO E DA CIDADE NO ESPETÁCULO OPINIÃO (1964)</p> <p>SYLVIA CRISTINA TOLEDO GOUVEIA</p>



<p>Sala 3</p> <p>Coordenação:</p> <p>Maria da Natividade Pires</p>	<p style="text-align: center;">1. "UM OLHAR DE RETRATO QUE ATRAVESSA GERAÇÕES": LEITURA DA CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO EM "O ARQUIPÉLAGO DA INSÓNIA", DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES</p> <p>ANA PAULA SILVA</p> <p style="text-align: center;">2. ESPAÇO E MEMÓRIA NA OBRA DESPIDA, DE INÊS PEREIRA MACIEL.</p> <p>RHUSILY REGES DA SILVA LIRA</p> <p>SILVANA MARIA PANTOJA DOS SANTOS</p> <p style="text-align: center;">3. A CONSTITUIÇÃO DO CRONOTOPO EM O CASTELO, DE FRANZ KAFKA</p> <p>ANDRÉ PINHEIRO</p> <p>SANDRA HELENA ANDRADE DE OLIVEIRA</p>
<p>Sala 4</p> <p>Coordenação:</p> <p>Ana Isabel Silva</p>	<p style="text-align: center;">1. ESPAÇO- VIVO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CONDIÇÃO DO SER EM A CASA, DE NATERCIA CAMPOS</p> <p>RISONELLA de SOUSA LINS e ROSANGELA VIEIRA FREIRE</p> <p style="text-align: center;">2. TESSITURAS DO LOCUS HORRIBILIS: A REPRESENTAÇÃO DA CASA NO CONTO THE PICTURE IN THE HOUSE DE H.P. LOVECRAFT.</p> <p>ELVES BOTÉRI</p> <p>LUCIANA COLUCCI</p> <p style="text-align: center;">3. RASTROS, RESÍDUOS E RUÍNAS: O PERIGO NO ESPAÇO TRÍPTICO DA ARGEL COLONIAL NO CONTO LES TROIS DAMES DE LA KASBAH, DE PIERRE LOTI</p> <p>ROBERTA DA ROCHA SALGUEIRO</p>



PROGRAMAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

Dia 28 de setembro

Sessão 3	<p>Sala 1</p> <p>Coordenação: Véronique Delplancq</p>	<p>1. LISBOA DRAMÁTICA: ESPAÇO E TEXTO NA OBRA TEATRAL DE GERVÁSIO LOBATO</p> <p>CLAUDIA BARBIERI MASSERAN</p> <p>2. A CEIA DOS CARDEAIS, DE JÚLIO DANTAS: UM ESTUDO SOBRE O ESPAÇO CÊNICO</p> <p>CAMILA MANOELA SILVA</p> <p>LUCIANA COLUCCI</p> <p>3. PERSONAGEM E ESPAÇO MONSTRUOSOS: REFLEXÕES SOBRE AVATAR, DE THÉOPHILE GAUTIER</p> <p>LUCIANA COLUCCI</p>
	<p>Sala 2</p> <p>Coordenação: Fernando Alexandre Lopes</p>	<p>1- VIAGENS, LITERATURA DE VIAGENS E REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO</p> <p>DIDIANA FERNANDES</p> <p>ISABEL OLIVEIRA</p> <p>2- A CARTOGRAFIA DO PARAÍSO: A CARTA DE CAMINHA E OS LIMITES DO ESPAÇO LITERÁRIO</p> <p>DANIEL CRUZ FERNANDES</p>
	<p>Sala 3</p> <p>Coordenação: Dulce Helena Melão</p>	<p>1. A FACE IMÓVEL DO POETA DIANTE DA GUERRA</p> <p>JEYMESON DE PAULA VELOSO</p>



		<p>2. A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO EM JOÃO BOA-MORTE CABRA MARCADO PRA MORRER, DE FERREIRA GULLAR</p> <p>SILVANA MARIA PANTOJA DOS SANTOS SUSANE MARTINS RIBEIRO SILVA</p> <p>3. TOPOANÁLISE DE FRAGMENTOS DE VÖLUSPÁ E GYLFAGINNING: INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NO RAGNARÖK</p> <p>CAMILA MANOELA SILVA</p>
<p>Sala 4</p> <p>Coordenação:</p> <p>Sidney Barbosa</p>		<p>1. O ESPAÇO DA NARRAÇÃO E O ESPAÇO DA NARRATIVA EM O FORTE, DE ADONIAS FILHO</p> <p>ROSANGELA VIEIRA FREIRE e RISONELLA de SOUSA LINS</p> <p>2. O ESPAÇO DEGRADADO DA AMAZÔNIA EM RIBANCEIRA, DE DALCÍDIO JURANDIR</p> <p>MARLI TEREZA FURTADO</p> <p>3. PRIMO LEVI E SUA SOBREVIVENTE ESCRITA: TRAUMA, ESPAÇO E REPRESENTAÇÃO</p> <p>ROMILTON BATISTA DE OLIVEIRA</p>
<p>Sala 5</p> <p>Coordenação:</p> <p>Oziris Borges Filho</p>		<p>1. UMA LEITURA DA INTIMIDADE DO ESPAÇO URBANO NO FILME MEDIANERAS DE GUSTAVO TARETTO</p> <p>FABRÍCIO DOS SANTOS SANTANA</p> <p>2. ESPAÇOS URBANOS NA LITERATURA BAIANA CONTEMPORÂNEA</p> <p>MILENA GUIMARÃES ANDRADE TANURE</p>



<p>14:00-15:30</p>		
<p>Sessão 4</p>	<p>Sala 1</p> <p>Coordenação:</p> <p>Susana Fidalgo</p>	<p>1- ANTEVISÕES DO "ESPAÇO LÍQUIDO" NO ROMANCE ORAL TRADICIONAL "NAU CATRINETA"</p> <p>NELMA ARÔNIA SANTOS</p> <p>2. REPLICANT PLACE NAMES: THE CONSTRUCTION OF THE UCHRONÍA OF SANTIAGO DE COMPOSTELA IN FRAGMENTOS DE APOCALIPSIS</p> <p>ALBA ROZAS ARCEO</p> <p>3. QUEERING THE HETERONORMATIVE SPACE: A COMPARISON OF WHITLEY STRIEBER'S THE HUNGER and its FILMIC ADAPTATION</p> <p>EUNJU HWANG</p>
	<p>Sala 2</p> <p>Coordenação:</p> <p>Susana Relvas</p>	<p>1- RECEÇÃO DA LITERATURA PORTUGUESA EM ANTÓNIO CANDIDO. ESPAÇO, FRONTEIRA, COLONIALIDADE E PÓS-COLONIALIDADE</p> <p>ANA MARIA COSTA LOPES</p> <p>SUSANA AMANTE</p> <p>SUSANA RELVAS</p> <p>2- NATUREZA, REGIONALISMO E POESIA: ANTONIO CANDIDO EM TRÊS ESTACAS</p> <p>LÍVIA FERNANDES NUNES</p> <p>3- ESPAÇOS MULTIFACETADOS: ANTÔNIO CÂNDIDO E O IDEAL DA EDUCAÇÃO SOCIOLITERÁRIA</p>



16h -17:30h		MARIA DAS GRAÇAS MEIRELLES CORREIA
	Sala 3	1- THE BIRTHPLACE, de HENRY JAMES: OS EVENTOS PSICOLÓGICOS E AS AÇÕES DINÂMICAS NATASHA COSTA
	Coordenação:	2-A MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO FICCIONAL EM O DIÁRIO DE FRANZ KAFKA
	Carlos André Pinheiro	MARIA CLARA DE SOUSA ANDRADE ANDRÉ PINHEIRO



RESUMOS

COMUNICAÇÕES ORAIS

Nota:

Conteúdo e redação dos resumos são responsabilidade dos respectivos autores.



"UM OLHAR DE RETRATO QUE ATRAVESSA GERAÇÕES": LEITURA DA CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO EM "O ARQUIPÉLAGO DA INSÓNIA", DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

ANA PAULA SILVA
anapaulasilva@iftm.edu.br

Resumo:

Na ficção de António Lobo Antunes, as memórias constituem-se, em sua maioria, de compulsões. Desse modo, emergem na narrativa tempos diversos, nem sempre delineados claramente pela voz narradora. Esses outros tempos são evocados por lugares, objetos, pessoas ou elementos da natureza. São vivências de tempos passados trazidas ao presente da enunciação e significadas por uma construção de memória na escrita e por meio dela. Desse modo, nos relatos das memórias, elementos espaciais constituem-se em pistas sobre os afetos e desafetos. Tanto mais relevante se torna a leitura da configuração do espaço quando a linguagem remete ao silêncio, por exemplo por meio de relatos intimistas ou personagens-narradores traumatizadas, autistas, dentre outras situações afins. A partir de O arquipélago da insónia (2008), a narrativa apresenta um tom mais intimista. Com essa linguagem enxuta, a leitura dos olhares das personagens para os espaços em que se encontram ou visualizam ou, ainda, de alguma maneira percebem, torna-se mais importante. Isso porque, nessa leitura, podemos identificar as relações estabelecidas entre os sujeitos e o mundo nesses espaços. O título Arquipélago da insónia remete a uma relação entre espaço e tempo significativa: um conjunto de elementos espaciais isolados, ilhas, num tempo de desconforto, angústia, que é o tempo de insónia. Ressaltamos que espaço é considerado, neste estudo, na perspectiva de Michel Foucault, portanto não é tomado apenas como cenário, equivalendo a uma representação estática. A escrita, assim, transfigura, no olhar de retrato que atravessava gerações, na herdade, memórias de opressões, violências e desafetos, e, ou, afetos, vivenciados pelas personagens. Da fortuna crítica que nos auxilia nesta leitura dos três romances de António Lobo Antunes, destacamos: Ana Paula Arnaut, Maria Alzira Seixo e Eunice Cabral.

Palavras-chave: espaço; narrativa; António Lobo Antunes



A CARTOGRAFIA DO PARAÍSO: A CARTA DE CAMINHA E OS LIMITES DO ESPAÇO LITERÁRIO

DANIEL CRUZ FERNANDES
danielcruz.danielcruz@gmail.com

Resumo:

A Carta de Pêro Vaz de Caminha inaugura, sob os pontos de vista documental e literário, um novo espaço de percepção do mundo. Essa paisagem, considerando aqui a subjetividade motriz desse processo perceptivo, é construída pela aproximação de expectativas oriundas do pensamento medieval europeu acerca de um distante Paraíso Terreal e a realidade empírica de um sujeito ativo, em seu turno de viagem pela terra que

mais tarde seria chamada de Brasil. Desse modo, o espaço literário caminhiano é articulado através de um conflito, ou fusão, entre a magnitude e o telúrico sensível.

Nesta comunicação analisarei criticamente como se arquiteta o espaço literário na Carta de Caminha. Tal análise partirá (i) das formas com que o escritor interage aqui retomo o conceito de Oziris Borges Filho e exprime pela escrita a paisagem, (ii) de como, pelo plano da expressão, se apropria do discurso descritivo para uma hierarquização simbólica dos elementos percebidos habitantes, fauna, flora, valoração de objetos, etc. e ainda (iii) de como a própria ausência de referentes visuais participa da constituição da imagem final ilustrada na sua Carta.

Para tal, partirei de uma bibliografia teórica ampla e heterogênea, trazendo à luz autores basilares à compreensão do espaço literário, como Gaston Bachelard ou Maurice Merleau-Ponty, mas também outras formas de criar instrumentos de leitura desse espaço, como a ideia de pensamento-paisagem desenvolvida por Michel Collot, uma estética da errância a partir de Francesco Careri, os problemas em torno da configuração da paisagem, como aponta Jean-Marc Besse, ou ainda o percurso histórico da conceptualização visual do Paraíso conforme os estudos de Jean Delumeau.

Entrementes, para elucidar essa contextualização histórica, farei pontuais aproximações a modelos de literatura de viagens anteriores à Carta, como nas crônicas de Zurara e textos de caráter mais ficcional, mas não menos presentes nas referências do pensamento quinhentista, como O Livro de Marco Polo ou O Livro do Infante D. Pedro



A CEIA DOS CARDEAIS, DE JÚLIO DANTAS: UM ESTUDO SOBRE O ESPAÇO CÊNICO

CAMILA MANOELA SILVA

camismoela@gmail.com

LUCIANA COLUCCI

profalucianacolucci@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste trabalho é discutir a configuração da categoria espaço cênico em *A Ceia dos Cardeais* (1921), do autor português Júlio Dantas. Após a primeira encenação, esse texto dramático angariou diversas versões e estudos em virtude das inúmeras possibilidades de investigação que o mesmo suscita. A peça, escrita em um único ato e em versos alexandrinos de rima emparelhada (RABELLO 1970, p.149), apresenta um operador de leitura o qual merece destaque: a cenografia. Como já abordado amplamente por muitos teóricos e críticos, a espacialidade artística tem sido valorizada desde as últimas décadas do século XX. Motivados por tal fato, ensejamos explorar o espaço sob o viés da literatura dramática, demonstrando que o mesmo também pode exercer um papel tão importante como acontece, por exemplo, em uma narrativa. Dado o contexto do enredo de *A Ceia dos Cardeais*, ainda articularemos essa leitura aos estudos do gótico, pois, os cardeais, ao rememorem tristes lembranças do passado, provocam a metamorfose espacial de um locus *amoenus* para um locus *horribilis*.

Palavras-chave: Júlio Dantas; A Ceia dos Cardeais; Teatro; Espaço Cênico; Gótico



A FACE IMÓVEL DO POETA DIANTE DA GUERRA

Autor:

JEYMESON DE PAULA VELOSO

jeymesondfz@yahoo.com.br

Resumo:

O presente trabalho pretende realizar uma análise dos espaços constitutivos da guerra na obra poética Face Imóvel (1942), de Manoel de Barros, poeta de importância fundamental para o Modernismo brasileiro, especificamente da geração de 45. O referido poeta, constantemente estudado pela sua poética ligada ao pantanal e a sua linguagem peculiar que subverte muitas vezes o signo e a relação com seu significado, também percorreu os caminhos da reflexão social. Este estudo coloca no centro da discussão as espacialidades apresentadas pelo poeta no respectivo livro, tendo em vista a Segunda Guerra Mundial, conflito que assolou o mundo de 1939 a 1945. Para tanto, nos apoiaremos na disciplina de História para entendermos a dimensão do conflito e como ele foi recepcionado no Brasil, local de fala do poeta. Da mesma forma, nos apropriaremos das teorias sobre o espaço na literatura e dos conceitos sociológicos de análise literária, especialmente as discussões sobre espacialidade realizadas por Antonio Candido (2004) ao nos mostrar que, na representação literária, não ocorre uma mera e direta transposição do plano geográfico para o discursivo-literário, o que o escritor constrói é a apreensão de um significado novo que emerge dos espaços reais, através do trabalho artístico da palavra; Luís Alberto Brandão (2007), principalmente a sua primeira expansão dos estudos sobre o espaço apresentada no referido artigo que seria a expansão das representações heterotópicas que indaga até que ponto a literatura é capaz de fazer uso do que em determinado contexto cultural, é identificado como espaço. A partir dos estudos do teórico Oziris Borges Filho (2007) buscaremos as relações entre espaços internos (casa, palácio, bordel) e externos (praça, front, rua, estrada), além de aprofundarmos as observações sob um viés mais psicológicos e íntimos transmitidos nos poemas. Não esquecendo de Gaston Bachelard (1993) e da sua classificação dos espaços tópicos, atópicos e utópicos que nos auxiliarão a discutir sobre a topofilia e a topofobia presente nas espacialidades apresentadas na obra de Manoel de Barros



A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO EM JOÃO BOA-MORTE CABRA MARCADO PRA MORRER, DE FERREIRA GULLAR

Autores:

SILVANA MARIA PANTOJA DOS SANTOS

silvanapantoja3@gmail.com

SUSANE MARTINS RIBEIRO SILVA

susane.m.ribeiro@gmail.com

Resumo:

Romance de cordel escrito na década de 60 do século XX pelo autor brasileiro Ferreira Gullar, João Boa-Morte Cabra Marcado pra Morrer é um poema que retrata a saga de um sertanejo frente às dificuldades do dia-a-dia, seus anseios, seu modo de vida peculiar. Sendo marcado por um espaço universal, o sertão, o texto retrata a luta do trabalhador rural frente à exploração do trabalho, bem como as condições sub-humanas às quais é exposto. O poema destaca, ainda, com veemência, a situação de desigualdade social, principalmente quando se trata de um indivíduo interiorano, a falta de oportunidades, além da escassez de recursos que encontra, frente a períodos de estiagem. Percebe-se, também, o contraste social entre os habitantes sertanejos, sendo este paradoxo relacionado à distribuição de terras, condições de produção, disputa incessante de grandes proprietários rurais por posse de terras de pequenos produtores. Diante desta condição, avaliam-se as condições dos espaços apresentados ao longo da narrativa e como estes influenciam o desenrolar dos acontecimentos e, principalmente, no valimento significativo para a formação do sujeito. O trabalho baseia-se nas teorias relacionadas ao espaço literário promovidas por Luís Brandão (2013) e de temáticas relacionadas às propostas por Sidney Barbosa e Oziris Filho (2009). É relevante salientar a proposta de como os espaços apresentados ao longo da narrativa influencia em demasia na (des)construção do sujeito e como este, através daquele, condiciona-se como ser pensante e atuante frente às causas, como se fortalece em relação às adversidades e se destaca no meio, tudo isso associando-se às perspectivas sobre identidade de Bauman (2005). Tal averiguação contribui em demasia para a academia, ao discutir sobre o espaço e suas condições, a persistente influência do meio sobre o indivíduo e como este tem a capacidade de lidar com tal influxo, evidenciando também a consolidação da identidade do sujeito, tendo como base a conjuntura do (s) espaço(s).



A MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO FICCIONAL EM O DIÁRIO DE FRANZ KAFKA

Autores:

Maria Clara de Sousa Andrade (UFPI)

mariaclarandradesousa@gmail.com

André Pinheiro (Orientador -UFPI)

andre.pinheiro@yahoo.com.br

Resumo:

Esse trabalho trata dos diários do escritor Franz Kafka, publicados no ano 2000. Encontramos nesta obra um compêndio de escritos, datados entre os anos de 1910 a 1924, que revelam a intimidade de um Kafka dissonante com seu estar no mundo. Assim, o principal objetivo deste trabalho é analisar as correlações existentes entre a construção da memória kafkiana e a estruturação do espaço nos Diários de Franz Kafka.

Consideramos que a conturbada atmosfera existente nesses textos revela os conflitos psicológicos do autor, levando-o a uma tentativa de recriar a realidade a partir de uma memória articulada ao segmento da imaginação. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos como fundamentação teórica basilar os pressupostos da topoanálise apresentados por Gaston Bachelard (1979) em *A poética do espaço*, obra na qual o espaço é analisado a partir de sua dimensão íntima e subjetiva. Visando aprofundar o estudo proposto, utilizamos as pesquisas de Luís Alberto Brandão (2013), em *Teoria do espaço literário*, no qual ele delinea quais são e como estão implicadas as mais diversas teorias sobre espaço. Revisitamos também os ensaios reunidos de Otto Maria de Carpeaux (1999) que traz análises sobre a construção das criações kafkianas, contribuindo, assim, para embasar as ideias que apreendemos sobre a literatura do autor. O corpus do trabalho é constituído de seis escritos dos diários de Kafka, que propiciam os subsídios necessários para se analisar a correlação entre espaço e memória. Uma abordagem dessa natureza nos impele a estabelecer relações entre o mundo biográfico do autor e a experiência ficcionalizada em sua obra campos delineados por uma linha tênue que acaba por tornar o espaço mais vário e situado entre a ficção, a representatividade e o simbolismo da memória. Isso porque trabalhamos com a hipótese de que a produção dos diários, como materialização da memória, traz à tona uma experiência de lugar afetivo articulado entre a ficção e a realidade.



ANTEVISÕES DO "ESPAÇO LÍQUIDO" NO ROMANCE ORAL TRADICIONAL "NAU CATRINETA"

Autor

NELMA ARÔNIA SANTOS

aronia68@gmail.com

Resumo:

O romance da tradição oral portuguesa intitulado "Nau Catrineta" constitui um fenômeno literário de indiscutível valor intercultural que compõe o imaginário luso e rompeu fronteiras geográficas, temporais e de gênero literário em favor de um inesgotável desdobramento temático-formal, a exemplo de sua configuração como lenda, relato de viagem, ensaio, poema e romance, de modo a configurar uma multiplicidade estrutural que lhe outorgou o epíteto de generalidade tétrica do todos os naufrágios. Neste trabalho, o corpus escolhido foi a Relação, intitulada Naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, capitão e governador de Pernambuco, vindo do Brasil no ano de 1565, narrada por Afonso Luís Piloto e publicada, pela primeira vez, em 1601, segundo Libório Manuel Silva (2010). Nela, pretendemos apresentar uma leitura crítico-analítica da constituição da espacialidade a partir do pressuposto de que a narrativa apresenta elementos de composição que nos permitem entrever possíveis sinais de emergência da ideia de espaço líquido, conceito que somente virá a se consolidar na contemporaneidade, sob a tutela da sistematização realizada por Bauman (2001).



BOLHAS URBANAS, LUGARES HÍBRIDOS DO CONTEMPORÂNEO

Autor:

CLAUDIA DE AZEVEDO MIRANDA

klaumiranda@gmail.com

Resumo:

No ano da virada do século, ano 2000, em Nova York. Eric, um multimilionário que enriqueceu na onda dos negócios digitais, atualmente dono da Parker Capital, tenta atravessar a cidade para ir ao barbeiro, cortar seu cabelo, num dia agitado e de grandes ameaças em função da visita do Presidente de seu país à cidade. A Times Square está tomada por manifestantes que protestam contra a globalização, O trânsito paralisado, cria um engarrafamento monumental. A princípio, sem nos aprofundarmos na insistência de Eric ou mesmo questionar a importância da barbearia situada do outro lado da cidade, embarcamos como leitores na limusine do multimilionário. Tal decisão de aceitar o convite que a obra do escritor Don De Lillo, intitulada Cosmópolis nos permite utilizá-la como chave de leitura para investigar os fluxos dessa metrópole e seus traçados espaço temporais. A obra, uma fábula amarga para os tempos pós-modernos se passa no trajeto de Eric indo de um lado a outro de Manhattan, durante um dia em que a cidade de Nova York parece em chamas com as manifestações. Enclausurado em sua limusine, Eric assiste a uma crise financeira que arruinará seus negócios.

O tempo se faz presente por meio dos terminais de dados instalados no interior do veículo, a processar em suas interfaces, o fluxo da bolsa de valores, as cotações internacionais, além dos dados de sua empresa e imagens do noticiário na TV com a cobertura da visita do presidente americano e as rebeliões que acontecem pelas ruas da cidade.

Em seu veículo blindado, à prova de som, Eric olha a cidade através dos circuitos de TV instalados no interior da limusine. Uma câmara giratória se movimenta no interior do carro.

Como celebridade midiática, sua imagem era transmitida com acesso aberto, e espelhada por todo o mundo por videostream do carro, do avião, do escritório, de lugares específicos de seu apartamento. Mas como começaram a surgir problemas de segurança e a câmera passou a funcionar apenas em circuito fechado.

Observando o dia-a-dia de Eric, havia uma enfermeira e dois guardas armados permanentemente de plantão, olhando para três monitores, numa sala sem janelas no escritório. (DE LILLO. 2003, p.22). Seu contato com o exterior se faz através de seus seguranças e de seus funcionários que aparecem para curtas audiências, assim como seu médico e suas amantes. Durante todo o percurso Eric Parker aparenta uma frieza e distanciamento ao que acontece à sua volta, apenas interessado em seu objetivo e nas análises financeiras. À medida que o dia passa, Eric vai perdendo sua segurança e certezas, se transformando em um ícone de desorientação ao encarnar a mercantilização do espetáculo que coloniza sua vida pessoal.

O personagem Eric Parker é apresentado como um sujeito interfaceado (Clouchot, 1996), numa relação direta de acesso aos ambientes numérico-digitais. Segundo Carla Rocha, com as tecnologias numéricas e os estados de interatividade e de imersão em ambientes virtuais, vivemos uma biologia da interatividade (De Kerckhove:1995), em mesclas do biológico e do artificial, com computadores cada vez mais biológicos, interfaces mais adaptáveis ao corpo, processadores e redes mais velozes e softwares mais performáticos que simulam processos mentais. É um outro corpo, um corpo



biocibernético denominado por Santaella, ao qual Carol Gigliotti atribui toda uma série de mudanças físicas, mentais, sensoriais, perceptivas e cognitivas.

Essa descrição acima não se relaciona apenas com a figura do humano, mas também ao corpo da cidade, que passa a não se definir apenas por suas coordenadas topográficas, mas por um habitar e transitar atópico, uma espacialidade mutante em que público e privado se interpelam. Para o sociólogo Máximo di Felice, pode-se nomear a cidade do século XXI como metropoleletrônica, que se caracteriza por uma conjugação de espaços físicos e espaços midiáticos. Di Felice sugere que mais do que estruturas materiais feitas de tijolos, aço, muros, paredes, a metropoleletrônica é composta de situações informativas e circuitos eletrônicos.

Cosmópolis é a representação literária deste conceito de cidade. Enquanto Eric atravessa os dez quarteirões que separam seu escritório da barbearia, o que vai levar o dia inteiro. Pode-se perceber que a travessia de Manhattan não acontece apenas nestes modos de deslocamento, mas também deve ser considerada a existência paralela de outros territórios que se configuram segundo o sociólogo, em formas comunicações

imateriais são de quartzo, de pixels, eletrônicas, de ondas sonoras e de bits. Ora, se através de uma senha, é possível acessar novas paisagens e lugares, como se pode continuar a pensar as cidades, nas suas tradicionais relações dicotômicas como centro/periferia; rua/casa; interior /exterior.

Importante ressaltar que a Cosmópolis de De Lillo, é representada como uma cidade mundo. A metrópole mostrada no livro está diretamente relacionada com a frase que abre o artigo de Jacques Rancière. Em que mundo nós vivemos, publicado no número 16 da revista Serrote (março/2014) que diz o seguinte: refletir sobre a divergência entre as temporalidades global e de cada um é alternativa para pensar um mundo marcado pela ideia do fim. Rancière neste texto, tece considerações a partir da série. O estado das coisas ao mesmo tempo em que se apropria deste título para desdobrá-lo no seguinte conceito: um estado das coisas compreende a seleção de certo número de fenômenos considerados característicos de nosso presente, o uso de uma estrutura interpretativa na qual eles assumem seu significado e a determinação de um conjunto de possibilidades e impossibilidades que derivam do que é dado e de sua interpretação. (RANCIÈRE, 2014, p.203)



DO CASARÃO À TAPERA: AS MORADAS INSÓLITAS NA LITERATURA SERTANISTA

Autor:

BRUNO SILVA DE OLIVEIRA

bruno.oliveira@ifgoiano.edu.br

Resumo:

O sertão configura-se como um espaço onde muitas vezes o prosaico e o insólito se imbricam e se tornam um elemento indissociável, ele é um espaço propício para que encontros, embates e batalhas ocorram, visto que é atravessado por questionamentos e incertezas, construído a partir de dicotomias: passado/presente, geral/ específico, uma ausência presente, é um tempo dentro do próprio tempo ou atemporal, ele possui uma pluralidade de sentidos, constitui e é constituído por uma trama de imagens fluídas. O sertão se origina da evolução do termo deserto, sendo sertão uma evolução da palavra desertão, de modo que a imagem do sertão está ligada diretamente à imagem do deserto, tanto que os dois termos eram utilizados como sinônimos.

Os sertões são os desertos brasileiros, sendo esse espaço cruzado por arrieiros, tropeiros, cangaceiros, jagunços, retirantes, logo, essas personagens permeiam os vazios e as regiões afastadas, isoladas, secas e desabitadas do interior do país. No sertão, a natureza ainda está indomada e pura, diferente das dominadas e modificadas cidades e vilas; ele é um terreno incerto, indeterminado e movediço que está em constante transformação para se manter invencível, constituindo-se um desafio para os que o cruzam; suas terras áridas e secas são como dunas do deserto que se (des)fazem com o passar do tempo e pela força do vento. Esse espaço é o outro lugar ou o lugar do outro, um espaço de alteridade; área pouco povoada, região inóspita, a fronteira a ser cruzada e conquistada, um lugar afastado; mas, mesmo o sertão sendo construído sob o signo do nomadismo e do deserto, há indivíduos que fixam moradia no sertão, constroem suas casas de tamanhos e materiais diversos, variando entre os extremos do casarão e da tapera, passando por tocas e casas de sapé.

Independente do modo como essas moradas são construídas, elas são chamadas de lar por alguma personagem, são espaços de descanso, deleite e devaneio para quem mora ali, ao mesmo tempo suscitam medo e terror para quem ali não habita. Logo, este trabalho visa discutir sobre as construções residenciais insólitas em algumas obras sertanistas brasileiras como Assombramento, de Afonso Arinos, Bocatorta de Monteiro Lobato e As morféticas, de Bernardo Élis são apresentadas, visando a discutir como esses espaços, que atravessam o espaço do sertão e são habitados por tipos sertanejos, são descritos e representados nas obras, observando as regularidades e dispersões presentes na construção discursivas.



ESPAÇO E CORPORIEDADE DOS OBJETOS NOS CONTOS CADEIRA E COISAS, DA OBRA OBJECTO QUASE, DE JOSÉ SARAMAGO

Autores:

KARINE DE ARAUJO LIMA

karine_limaaaraujo@hotmail.com

Tiago Barbosa Souza (Orientador- UFPI)

tiagobs@ufpi.edu.br

Resumo :

No livro de contos *Objecto Quase* (1978), de José Saramago, composto por seis narrativas com um proeminente tom político e alegórico, estão expressos traços estilísticos marcantes da obra do aclamado autor português. É possível estabelecer três grandes eixos temáticos sob os quais se estrutura a obra, o teor político, a tonalidade lírica e a representação social. Neste estudo, analisamos aspectos referentes à relação do espaço literário com o corpo em dois contos da referida obra, *Cadeira e Coisas*. Para tanto, utilizamos a metodologia da topoanálise, perspectiva teórica que foi criada a partir das ideias de Gaston Bachelard (1989) em *A poética do espaço*, obra na qual o autor aborda o espaço observando as relações íntimas e subjetivas da transposição do humano às coisas presentes no espaço. Para o teórico, o oculto no homem e o oculto nas coisas pertencem à mesma topoanálise (BACHERLARD, 1989, p. 101). Esta pesquisa consiste na análise da espacialidade da obra literária em questão. Paralelamente, faremos uma reflexão a partir dos argumentos de Luís Alberto Brandão (1964) acerca da *Teoria do Espaço Literário*, de Maurice Merleau-Ponty (2015) acerca da *Fenomenologia da Percepção*, e de Michel Foucault (2013) sobre o corpo utópico. Visamos investigar a percepção do corpo objeto através do espaço no qual esse objeto será visto segundo a topoanálise. Em *Cadeira*, o primeiro conto da obra, observaremos como é marcante a forma como o momento histórico retratado é subjetivado por um objeto, que vai ganhando forma e corporeidade à medida que o texto avança. No conto *Coisas*, o enredo apresenta associações que aproximam o elemento coisa do que é essencialmente humano. Nos dois casos, os objetos se comportam de maneira oposta a sua natureza, a ponto de tomarem formas e habitarem espaços até então pertencentes ao homem. Este estudo consiste na investigação das formas como tais objetos inanimados se corporificam e se efetivam na espacialidade da narrativa de José Saramago.

Palavras-chave: Corpo. Espaço. Topoanálise. *Objecto quase*



ESPAÇO E MEMÓRIA NA OBRA DESPIDA, DE INÊS PEREIRA MACIEL.

Autores:

Rhusily Reges da Silva Lira (UEMA)

Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA/UESPI)

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar os espaços de referência que comportam as memórias do sujeito poético na obra *Despida* (2014), da escritora maranhense Inês Pereira Maciel. Para tanto, a pesquisa está fundamentada na visão de Maurice Halbwachs (2006), Ecléa Bosi (2003) no que se refere à memória e Gaston Bachelard (1993), Santos (2015) no que se refere a espaço e dentre outros. A relação entre memória e espaço é fundamental para o estabelecimento da condição de pertencimento, uma vez que a memória é compreendida por meio de práticas sociais em torno dos espaços ocupados pelo sujeito, como - cidade, a casa natal, a rua da primeira infância, bem como os elementos que podem compor esses espaços (fotografia, objetos da sala de estar, do quarto, as flores do jardim) e que os mesmos funcionam como ativadores de reminiscências, pois o entrelace da memória com o espaço suscita a valorização dos espaços. Como diz Bachelard (1993 p. 24) é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos dia a dia num canto do mundo são espaços salutares na ressignificação do vivido, e se colocam em constante interação com os sujeitos que os vivenciam, de modo a revelar suas sensações e percepções. É por meio dessa vivência e da interação que a memória coletiva e individual se enlaça e se tornam uma só Halbwachs (2006) conclui esse pensamento com a premissa de que isto acontece porque jamais estamos sós, uma vez que o envolvimento com o espaço proporciona a efetivação da memória coletiva, pois o espaço é habitado por toda uma comunidade e por meio das sensações e percepções que resulta da interação é o que podemos denominar de memória individual, uma vez que essa se confunde com a memória coletiva, pois sempre estamos em contato com o outro e habitando espaços. Dessa forma, a obra *Despida* engloba poemas que falam perdas, tristezas, anseios e perplexidades de um sujeito poético que se utiliza dos espaços que habita com o intuito de lembrar o vivido.

Palavras-Chave: Literatura. Espaço. Memória



ESPAÇO LITERÁRIO, EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E LÚDICA: FORMAÇÃO DE PEQUENOS LEITORES EM CONTEXTOS EDUCATIVOS

Autora:

CAROLINE MACHADO¹

carolmachadom@yahoo.com.br

Resumo:

Considerando como pressuposto basilar a literatura como importante mediador entre a criança e a cultura, objetivamos apresentar considerações que possam refletir diretamente na educação literária dos pequenos leitores, mas também na formação dos professores que com eles atuam. Tomando como situação exemplar o trabalho desenvolvido com bebês e crianças pequenas (0 a 3 anos) no Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina, buscamos discutir bases teórico-metodológicas para o trabalho pedagógico com essa faixa-etária. Elegemos algumas obras literárias (com destaque para a narrativa do século XII A Conferência dos pássaros, de Peter Sís, a ópera A Flauta Mágica, de Wolfgang Amadeus Mozart) para mostrar como a literatura, na articulação com outras artes (cinema, música, fotografia, teatro, artes visuais, entre outras) pode transportar para diferentes espaços, criados pela força da imaginação e, ao mesmo tempo, como que a literatura pode oferecer subsídios para a construção de espaços para a experiência estética e lúdica das crianças. Nesse sentido, o espaço constitui-se como lugar socialmente construído, transformando-se em cenário e também em suporte para os processos imaginativos desencadeados pela narrativa literária. O diálogo com parte relevante da obra do filósofo alemão Walter Benjamin baliza nossas reflexões, à medida que assinala o livro como importante mediador no processo de inserção da criança na cultura: porque permite, pelo exercício e desenvolvimento da capacidade imaginativa, não somente a apresentação do mundo, mas porque contém, pelas inúmeras formas de contar, recontar, criar, vivenciar papéis e histórias, na atuação reiterada sobre o espaço, a possibilidade de renová-lo.

Palavras-chave: infância, literatura, espaço, mediação de leitura literária, capacidade imaginativa.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina (NDI/UFSC). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC). Pós-Doutoramento no Centro



ESPAÇO- VIVO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CONDIÇÃO DO SER EM A CASA, DE NATÉRCIA CAMPOS

Autora:

ROSANGELA VIEIRA FREIRE

rosangelaveafs@yahoo.com.br

Resumo:

Este artigo pretende revisitar a obra literária *A casa*, de Natércia Campos, intentando analisar as significações metafóricas desse espaço, em relação às aspirações ontológicas do sujeito nele inserido. A casa, antropomorfizada, não apenas revela a história e a cultura do indivíduo que habita o interior do sertão nordestino, mas também manifesta aspectos éticos e existenciais que sublinham a sua condição de ser e de viver, funcionando, portanto, como um paradigma de costumes, classes e anseios de uma sociedade ao mesmo tempo em que desenha o perfil da representação das problemáticas humanas, desenvolvidas pelas personagens enquanto sujeitos de interação. Para Roberto Da Matta (1985,p.46), as casas são os espaços mais significativos da nossa estrutura social, espaços que reproduziam em suas divisões internas a própria sociedade com seus múltiplos códigos e perspectivas, sendo, portanto capaz de explicitar códigos morais, relações de exploração e subordinação, processos identitários e busca da razão existencial dos que a habitam. Se por um lado, Virgínia Woolf (2004) reconhece ser a casa a condição primordial de rompimento com os princípios de dominação, por outro, Bachelard (1989) enfatiza que nela se fiam as nossas lembranças mais íntimas; assim, resta-nos o dever de vislumbrar, nesse cronotopo, a força necessária para se refletir sobre a condição humana e sua relação com as circunstâncias sócio-espaciais que o envolvem. Na obra *A casa*, a voz costumeira e adormecida dos sujeitos ficcionais, inegavelmente, ecoa no e pelo espaço ficcional, conclamando os valores abstratos e éticos que nortearam as ações ali vivenciadas. A casa, portanto, camufla-se e se impõe como enigma de vivências, no intuito de expor-se enquanto materialidade espacial, mostrando a legião de apelos, vícios, desejos, concupiscências, medos, remorsos, dúvidas, ódio, paixões (VIANNA, s/d, p.188) que compõem o mundo de seus moradores e convida o leitor a considerar sob vários ângulos a vinculação humana com os elementos materiais da realidade objetiva. Eis, por conseguinte, a razão de nos parecer indispensável esquadriñar as trilhas da casa dentro da configuração ficcional de Natércia Campos. A partir do que foi exposto, enfatizamos ser o pressuposto metodológico deste trabalho a leitura e análise da obra literária mencionada com base na relação espaço e personagem e os pressupostos teóricos sobre o espaço literário tomados como principais, correspondem aos autores Borges Filho (2007), Bachelard (1989), Bakhtin (1998), Lins (1976), Da Matta (1985), Candido (1992) e sobre a referida autora, Lima (2009), Pardal (2007). A partir da análise proposta, esperamos contribuir com a desconstrução do mito do sertanejo relacionado apenas à luta contra as secas, incorporando a ele o sentimento universal de desagregação, anseios e indagações existenciais ligadas às suas experiências espaciais e à ruptura ou negociação com o *status quo* das relações sociais localizadas.

Palavras-chave: Espaço; Literatura; Natércia Campos



ESPAÇOS MULTIFACETADOS: ANTÔNIO CÂNDIDO E O IDEAL DA EDUCAÇÃO SOCIOLITERÁRIA

Autora:

MARIA DAS GRAÇAS MEIRELLES CORREIA

galmeirellesc@yahoo.com.br

Resumo:

Espaço social e espaço literário convergem no pensamento de Antônio Cândido e estão implicados como elementos fundantes no acesso ao texto literário. Tais discussões pautam o artigo Direito à literatura (Vários escritos, 2004, 169-191) a ser tomado como base no estudo tecido sobre a circulação de textos literários nos espaços da casa, da escola, da rua, constituídos partindo das concepções de Cândido como espaços sociais dos quais devem convergir esforços de modo a permitir e garantir o direito à literatura.

Nestes termos, o trabalho Espaços multifacetados: Antônio Cândido e o ideal da educação socioliterária analisa a concepção de literatura por Cândido, as razões pelas quais defende a literatura como direito essencial do homem, bem como o espaço social contemporâneo de modo a confluir com esta perspectiva. Para Antônio Cândido, o espaço social da contemporaneidade no curso da história torna-se, prioritariamente, o mais propício a asseverar os direitos humanos. Todavia, aponta que se a era contemporânea é a era dos direitos, também o é a das contradições, uma vez que, em possuindo os meios, não se empenha em instituir direitos a bens compressíveis quicá aos bens incompressíveis. Cândido, ao tomar o conceito de compressibilidade cunhado por Louis-Joseph Lebref, o relativiza, pois compreende que eleger essencialidades depende de uma convergência sócio histórica e econômica alheia, em si própria, ao objeto literário.

Assim, no presente trabalho toma-se tais proposições de modo a refletir e exemplificar como o espaço escolar independente de constituir-se como máquina de estriamento de consciências e, portanto, em si, ofuscador do próprio texto literário pode contribuir para o acesso à literatura e, conseqüentemente, ser espaço de salvaguarda dos direitos humanos. Deste modo, este estudo busca a relativizar a ideia defendida por Cândido

de que a escola, para respeitar os ditames burocráticos que a institucionalizam, põe a lume ordiernamente a função instrucional da literatura.



LISBOA DRAMÁTICA: ESPAÇO E TEXTO NA OBRA TEATRAL DE GERVÁSIO LOBATO

Autora:

CLAUDIA BARBIERI MASSERAN

claudia.masseran@gmail.com

Resumo:

Gervásio Lobato (1850-1895) foi um dos mais populares dramaturgos portugueses nas últimas décadas do século XIX. Ao lado de Marcelino Mesquita, D. João da Câmara e Henrique Lopes de Mendonça, contribuiu para a consolidação do teatro realista nos palcos. Lobato foi, antes de tudo, um escritor. Viveu dos seus romances, das suas peças, das suas crônicas, dos seus artigos. Entre 1880 e 1895, como redator literário, esteve

à frente da Crônica Ocidental, texto de abertura da revista O Occidente, onde, com uma escrita repleta de humorismo, revia os principais acontecimentos citadinos e discorria sobre os costumes do cotidiano lisboeta.

Ao longo de mais de quinhentas crônicas, Gervásio Lobato estabeleceu um profundo diálogo com a cidade de Lisboa, traduzindo em imagens literárias o ideal burguês coletivo da capital portuguesa. Todos os seus vícios, todas as suas belezas e as suas idiosincrasias foram paulatinamente consolidando o imaginário urbano desta terra, tão genuína em relação às outras grandes capitais europeias. A presença da cidade é massiva até mesmo nos títulos de alguns de seus volumes, como a Comédia de Lisboa, Lisboa em camisa e Os invisíveis de Lisboa.

Este trabalho procura rever, entretanto, não a sua produção romanesca, mas a obra teatral, resgatando em comédias como Sua Excelência (1884), O comissário de polícia (1890), e O Festim de Balthazar (1892) a vivência urbana na capital pelo olhar deste escritor, tão conhecido no seu tempo, porém pouco discutido pela crítica literária posterior.

Faz-se necessário um resgate cuidadoso, é preciso, pois, redescobrir a obra gervasiana em toda a sua variedade e nuances. O mais próximo que temos de um reconhecimento de sua obra no século XX é a exposição organizada pela Câmara Municipal de Lisboa para comemorar o centenário de nascimento do escritor em 1950. O catálogo da exposição abre com os dizeres que pela pena de Gervásio Lobato perpassa toda a vida da Lisboa sua contemporânea".

O tema recorrente de seus textos dramáticos é o dia-a-dia urbano, com particular destaque para as camadas mais abundantes da sociedade - as classes da média e baixa burguesia e o povo, retratados com humorismo nas mais variadas situações cotidianas: a ida ao teatro, ao passeio público, aos bailes; o namoro, o casamento, o relacionamento entre pais e filhos, as casas e sua dinâmica com os criados; as personagens-tipo, como o político, o sedutor, o janota, a menina namoradeira, o atrapalhado, o ambicioso, os invisíveis de Lisboa, como os galegos, as varinas, os comerciantes. Toda essa imensa galeria de personagens deambulam pelas ruas alfacinhas, impregnando o texto de urbanidade e cosmopolitismo, com muitas referências ao espaço urbano da capital e seus símbolos: os teatros, os cafés, o Chiado, com seus hotéis e a Casa Havaneza, a Baixa Pombalina, com suas ruas paralelas infundáveis, o Tejo, suas panorâmicas e colinas.

É deste diálogo entre palco e cidade, entre texto e espaço que trata este trabalho.



NATUREZA, REGIONALISMO E POESIA: ANTONIO CANDIDO EM TRÊS ESTACAS

Autora

LÍVIA FERNANDES NUNES

livia_fernandess2013@hotmail.com

Resumo:

O método crítico de Antonio Candido une texto e contexto, sincronia e diacronia e universal e particular, levando em conta a noção de sistema literário e valores advindos da análise do contexto de produção e de suas leituras anteriores. Candido modulara sua metodologia de acordo com a nova crítica de T.S. Eliot e correntes sociológicas, psicológicas e antropológicas, a contar por Formação da literatura brasileira (1959). A validação do aspecto externo na medida em que se torna interno demonstra a natureza pluralista do texto literário, que deve ser o ponto chegada do ato crítico. Por essa ótica, a literatura brasileira despertara no momento em que escritor, obra e público começaram a interagir, estabelecendo tradição e coerência entre produções e sua relação com a sociedade. Trata-se dos períodos árcade e romântico, em que a literatura passou a se configurar como sistema concomitantemente à formação do país e da concepção de brasilidade. Árcades encontraram beleza estética em formas naturais, pressupondo que estas prolongariam a ordem intelectual e vice-versa. Manifestações de naturalidade, entretanto, deram-se por meio de bucolismo regido pela ideia de progresso e racionalidade que edenizou o espaço campestre na poesia pastoral. Tal edenização permeia os poemas "Canção do exílio" e "Leito de folhas verdes" de Gonçalves Dias, comprova certa continuação literária entre neoclassicistas e primeiros românticos e dialoga com a poesia europeia coetânea. Ampliando o campo de visão, a busca pela natureza das coisas ressurgiu na prosa da segunda geração modernista com o trato regional e social condicionado pelo contexto entre guerras e pós-oligárquico. O romance São Bernardo de Graciliano Ramos demarca a transfiguração desse contexto com a relação da personalidade do protagonista Paulo Honório e o meio em que vive, e Vidas Secas singulariza a desumanização de seres atingidos pela seca no sertão nordestino. A terceira geração encontra fontes para universalização literária na tradição: a obra de Guimarães Rosa parte do mundo rural para consolidar sua potencialidade criadora. A linguagem do romance Grande sertão: veredas o torna tão poético quanto psicológico e evidencia rusticidade e meio físico como quadro da concepção de mundo real e mundo inventado do escritor. As obras de Dias, Ramos e Rosa possuem temáticas semelhantes e formas diferentes: a primeira tem a natureza brasileira de modo nacionalista, a segunda supera esse modo por meio de criticidade social e a terceira, partindo do que é originalmente brasileiro, alcança a universalidade. Por fim, a recepção de Antonio Candido marca uma evolução do conceito de regionalidade e, sobretudo, a dialética entre procedimento literário e fatores extrínsecos, a qual baseou a configuração de seu método crítico.



O ESPAÇO DA NARRAÇÃO E O ESPAÇO DA NARRATIVA EM O FORTE, DE ADONIAS FILHO

Autora:

ROSANGELA VIEIRA FREIRE

rosangelaveafs@yahoo.com.br

Resumo:

Este trabalho se propõe a uma leitura do livro *O Forte*, do baiano Adonias Filho, com ênfase no estudo do espaço da narração e do espaço da narrativa no texto ficcional. Objetivamos transitar pelos cômodos de *O Forte* e descortinar as paixões humanas, amor, ódio, culpa, perdão, mediante o restabelecimento de dois inseparáveis fios: passado e presente, uma vez que os seus personagens estão enredados na mesma trama de ponta a ponta. As suas narrativas se apoiam e se expandem pela confiança na sobrevivência da palavra, da memória. Caracterizado também, como personagem, *O Forte* está prenhe de múltiplas narrativas as quais propiciam ao leitor uma visão da cidade de Salvador. Estruturado em quatro blocos, as seções do texto são apresentadas em pequenos fragmentos que aos poucos, de forma não cronológica, vão relatando e reatando a história. E nesse fluxo de histórias lembradas, as personagens, nesta fortaleza prefiguram os atormentados caminhos que os homens encontram para constituírem suas identidades e recomporem seus pedaços. A história de cada um atravessa a solidez das paredes nas quais assentaram suas vidas. *O Forte* é o personagem mais importante. Não se trata de um mero espaço, no qual vários acontecimentos transcorram, mas é um lugar antropomorfizado: *O Forte*, respira como homem, as torres são olhos, a sombra nas próprias trevas. (p. 6). *O Forte* não apenas protege a Bahia dos índios e dos estrangeiros e abriga as pessoas nas épocas de peste e de luta, mas organiza os ataques que devem ser executados na defesa do povo. A ficção do escritor Adonias Aguiar Filho (Itajuípe, 1915 Ilhéus, 1990), ao lado de diversos outros escritores baianos, a exemplo, de Jorge Amado, tem uma profunda relação com a terra, a gente e a cultura regional. A presente proposta tem como principal fundamento os estudos sobre espaço literário desenvolvidos por Borges Filho (2007), Osman Lins (1976), Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço* (1989).

Palavras-chaves: *O Forte*; Espaço; Adonias Filho



O ESPAÇO DEGRADADO DA AMAZÔNIA EM RIBANCEIRA, DE DALCÍDIO JURANDIR

Autora:

MARLI TEREZA FURTADO

marlitf@ufpa.br

Resumo:

O autor paraense Dalcídio Jurandir (1909/1979) publicou entre 1941 e 1978 onze romances, sendo que dez fazem parte do ciclo Extremo Norte, iniciado com *Chove nos campos de Cachoeira* (1941) e seguido de *Marajó*, *Três casas e um rio*, *Belém do Grão-Pará*, *Passagem dos inocentes*, *Primeira manhã*, *Ponte do galo*, *Os habitantes*, *Chão dos Lobos* e *Ribanceira* (1978). As tramas dos romances estão localizadas entre vilas da ilha

do Marajó, a cidade de Belém e uma cidade do baixo Amazonas, próxima de Marajó. Por elas trafega o protagonista Alfredo, que perfaz um trajeto da infância para a adolescência e elabora conflitos internos, como a aceitação de sua origem afrodescendente, a identificação com a cultura local e aquisição de consciência social. Alfredo se desloca por esses espaços e mantém contato com um grande número de personagens, em sua maioria pobres, opção do autor, Dalcídio Jurandir, no retrato do que ele chamou de aristocracia de pé no chão. Por meio do trânsito desses elementos periféricos e dessa periferia figura-se uma Amazônia derruída pós auge da economia da borracha, mais especificamente na década de 1920. No último romance do ciclo, *Ribanceira*, a personagem Alfredo atua, no baixo Amazonas, em um espaço agônico que dá relevo à miséria deixada pelo vazio do período econômico gomífero. Em seu enredo, desfilam pobres, empobrecidos e desvalidos, ao som persistente do fenômeno da "terra caída", também metáfora daquele momento presente da narrativa, o que ilustra o trabalho do autor em reiterar, de modo circular, a degradação espacial e social da Amazônia. Em razão do exposto, este trabalho objetiva analisar a relação personagem/espço em *Ribanceira* não apenas para demonstrar o retrato da degradação espacial e social da região, como também a importância de Dalcídio Jurandir e de seu projeto estético e ideológico, o ciclo do Extremo Norte, elaborado na contramão de uma série de autores que figuraram a Amazônia, principalmente a do período da borracha, utilizando-se da dicotomia inferno/paraíso.



PERSONAGEM E ESPAÇO MONSTRUOSOS: REFLEXÕES SOBRE AVATAR, DE THÉOPHILE GAUTIER

Autora:

LUCIANA COLUCCI

profalucianacolucci@gmail.com

Resumo:

Para os estudos literários, 2018 é emblemático: comemora-se o aniversário de duzentos anos da publicação de Frankenstein, or, *The Modern Prometheus* (1818), de Mary Shelley. Nesse sentido, os universos literário e transliterário retomam essa obra que, revestida de múltiplos sentidos, suscita inúmeras possibilidades de decodificação nos campos teórico e crítico. Dentre essas possibilidades, a temática relativa a monstros e monstruosidades é destacada, possibilitando, portanto, um diálogo com uma vertente ainda bastante controversa: os estudos do gótico. Como ressalta Vasconcelos (2012, 2016) a presença do gótico nas mais diversas modalidades da literatura dos últimos duzentos anos é inegável. Compreendido na atualidade como uma categoria elástica e globalizada (EDWARDS, 2016), o gótico tem viajado rápido, assumindo significados plurais e amalgamando-se às mais diversas expressões artísticas. Mesmo com esse movimentar complexo e confuso (MYRONE; FRAYLING, 2006), a maquinaria gótica com seus signos fatais ? o espaço, o tempo, a personagem, o medo ? conserva traços à moda de sua origem inglesa herdada de *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole (1717/1797). Devido à natureza metamórfica do gótico, esses signos estéticos não estão imunes às complexas transformações do mundo e tem sido objeto de diversas e contínuas releituras, incentivando diferentes olhares. Concentrando-se nas categorias espaço e personagem, o objeto recai sobre o locus horribilis e o vilão gótico. Ao encarnar o arquétipo do monstro, esse vilão tem sido estudado em suas múltiplas facetas desde as bruxas, os lobisomens, os vampiros, os cientistas até uma das representações mais discutidas na contemporaneidade: os zumbis (EDWARDS, BOTTING, GRAULUND, 2016). Considerados tais fatos, a presente reflexão visa discutir a representação estética do vilão e do espaço gótico em *Avatar* (1856), de Théophile Gautier (1811/1872). Sob a face do cientista transgressor, demoníaco e obcecado com experiências grotescas e prazeres cruéis, praticadas em seu estranho laboratório, essa personagem, transitando entre a luz e a escuridão e trabalhando em um espaço sombrio, envereda pelas searas góticas, reforçando que a dicotomia monstro/ humano são experiências limítrofes e contraditórias da humanidade.

Palavras-chave: Avatar; Gautier; Espaço; Personagem; Monstruoso; Gótico.



POEMA SUJO E A COMPOSIÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE

Autor:

PABLO RODRIGO DA SILVA MARTINS

enzomassau@gmail.com

Resumo:

Este escrito objetiva analisar a representação da cidade, a partir dos espaços de referência identificados na obra *Poema Sujo*, de Ferreira Gullar. Para tanto, parte-se da premissa de que a cidade concentra vivências particulares e também coletivas, cujos rastros se fixam nas curvas do urbano, visto que a cidade é testemunho e memória e permanência? (PESAVENTO, 2002, p. 22). Há a presença de várias cidades em uma única cidade, afirma Calvino (2012), num processo de (re)significação constante. Nesse sentido, percebe-se que o eu lírico em *Poema Sujo* retrocede à sua cidade-aconchego e visualiza os espaços citadinos, elencando elementos urbanos que resistem, por intermédio da memória, à passagem do tempo, conservando um elevado grau de memórias. Num processo de desmontagem e (re)montagem, ergue sua cidade perdida no tempo, uma revisitação, visto que lhe fora usurpado o direito de viver e conviver em sua cidade (SANTOS, 2015). Dessa forma, para que se alcance o objetivo previamente traçado, serão discutidas as ideias em torno da relação nutrida entre a cidade e o indivíduo que nela habita, buscando esclarecer como se configura essa relação; para em seguida, enveredar pelos caminhos fecundos entre literatura e cidade, conduzindo tais discussões até a seara implementada por Gullar em *Poema Sujo*, visto que nesta obra literária, a representação da cidade é constituída por uma voz que, distanciada temporal e espacialmente, regressa por intermédio das lembranças à urbe que habitara tempos atrás.



PRIMO LEVI E SUA SOBREVIVENTE ESCRITA: TRAUMA, ESPAÇO E REPRESENTAÇÃO

Autor:

ROMILTON BATISTA DE OLIVEIRA

romilton.oliveira@bol.com.br

Resumo:

Este artigo faz parte da pesquisa pós-doutoral que estou a desenvolver em Portugal, e tem como objetivo, investigar a memória traumática na trilogia autobiográfica do escritor italiano Primo Levi, sobrevivente de Auschwitz (É isto um homem? (1988), A trégua (2010) e Os afogados e os sobreviventes (2004), tendo como justificativa o não-esquecimento da maior das catástrofes que a humanidade já presenciou em toda sua

história: o Holocausto, idealizado e posto em prática por Adolfo Hitler e seus aliados. Esta pesquisa, para aprimorar o seu objeto de análise, menciona, também, a voz de outros sobreviventes de Auschwitz, como, por exemplo, Paul Celan que, por meio da escrita, conseguiu falar depois de Auschwitz. Levi e Celan, entre outros sobreviventes, contrariaram o que Theodor Adorno afirmou em torno do Holocausto. Adorno disse que depois de Auschwitz, seria impossível escrever poesia. Primo Levi é o pioneiro no surgimento de uma nova forma de escrita, permeada por um rastro-resíduo, interpelado por uma linguagem traumática de dimensão testemunhal, histórica e memorialista, fazendo surgir o que hoje conhecemos com o nome de Literatura de Testemunho (LT). Esta pesquisa é conduzida teórico-metodologicamente por um aparato teórico composto por críticos contemporâneos que abordam a noção de testemunho, principalmente as contribuições dadas pelo estudioso Márcio Seligmann-Silva, de quem tomamos emprestado o termo "escrita traumática". A LT é um tipo de escrita cujo foco central é narrar um acontecimento que, por determinadas razões, tem reverberações políticas, históricas, psicológicas e sociais. A partir de sua própria construção, a LT coloca em questão a relação entre a literatura e o real, convocando-nos a repensar, portanto, sobre o discurso não-ficcional, sobre o discurso histórico e sua relação com o discurso literário. Dialogamos com autores que deram relevantes contribuições, além de Seligmann-Silva, no tocante à memória traumática e à relação do trauma com outras categorias conceituais que possibilitam sua identificação, como Freud, Benjamin, Halbwachs, Tedesco, Sarlo, Gagnebin, Foucault, Hall, Agamben e Blanchot, entre outros. A memória produz discurso que dá sentido ao passado e às experiências pessoais, e, nesse sentido, faz-se necessário identificar a relação do trauma e sua inscrição no corpo como ferida incizatizável. Sem esse diálogo, seria impossível investigar o trauma, daí compreendermos a importância da interdisciplinaridade como principal traço característico desta pesquisa.

Utilizamos, além da Literatura de Testemunho, a Teoria da Memória e a Teoria Literária como norteadores teórico-metodológicos complementares, percebendo, por meio dos livros de Primo Levi, a presença de uma escrita interpelada por uma voz autobiográfica e testemunhal, potencializada pela experiência vivida em Auschwitz. Os resultados, a priori obtidos, revelam-nos que o trauma só pode ser representável através da língua(gem) que, como sobrevivente dos horrores das guerras, produz um sujeito, também sobrevivente, por meio de rastros-resíduos ou fragmentos do passado. Pretendemos, desta forma, mostrar que é possível escrever prosa e poesia depois de Auschwitz. Assim, a literatura, além de ser um importante aliado da sociedade na desconstrução e reconstrução do "real", é, também, porta-voz do passado traumático vivido pela humanidade.



Analisar as obras seleccionadas de Primo Levi, relacionadas à literatura de testemunho, é de grande relevância, levando-se em conta que sua escrita ajudou a mudar a representação que se tinha das coisas, dos homens e do poder que faz parte das relações humanas, à serviço do "bem" e do "mal", interferindo na vida da humanidade e mudando os paradigmas hegemônicos (antigas formações ideológico-discursivas, interpeladas por um modelo estabelecido histórico, fixo e centralizador). Os campos de concentração de Auschwitz, dizimadores de milhares de vidas humanas, mudaram para sempre a vida de seus sobreviventes. Produziram memórias traumáticas de ordem individual e colectiva, inesgotável fonte de produção do indizível e do irrepresentável que a Literatura de Testemunho terá que dá conta. E só o tempo nos dirá, pois o espaço de onde se extraem as vozes e os discursos (Auschwitz) tem muito, ainda, a dizer. Este é apenas um, entre tantos outros vários trabalhos que descrevem, por meio da Literatura de Testemunho, a experiência de um sobrevivente italiano. Outros testemunhos dados por outros sobreviventes estão, neste exato momento, sendo analisados e investigados, para que jamais esqueçamos desse "mal" que abalou a forma de ser, de pensar e de agir dos humanos na terra



QUAL O ESPAÇO PARA O CORPO EM UM MUNDO CEGO? REFLEXÕES SOBRE A VISÃO E O CORPO FEMININO NA OBRA: ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, DE JOSÉ SARAMAGO.

Autora:

ALEXANDRA LOPES DA CUNHA

alexcunham@gmail.com

Resumo:

Na obra *Ensaio sobre a cegueira*, as pessoas começam a perder a visão. Todas, excetuando uma mulher. A perda da visão é uma metáfora sobre a condição humana: É desta massa que somos feitos, metade indiferença, metade ruindade, faz-nos saber o narrador. Enquanto os cegos são poucos, permanecem isolados. Ao se tornarem todos, a civilidade se desvanece. Quando o mundo mergulha no escuro, ou melhor, quando os olhos já não tem serventia para ver e observar, quem pode julgar o certo e o errado? Se o poder coercitivo da visão social desaparece, o que sobra?

Há uma exceção, uma mulher, que continua a ver. Ela toma para si a responsabilidade de cuidar e velar de um grupo: A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam. A mulher como guia, como figura materna, a mulher como aquela que pode contar o que vê, ou cala sobre o que enxerga: Se tu pudesses ver o que eu sou obrigada a ver, quererias estar cego, diz a personagem em um trecho. Ainda assim, ela continua.

Há também a questão do espaço que o corpo cego ocupa: a incapacidade de dimensionar onde se está e para onde se pode ir: a perda de limites físicos ou psíquicos.

O objetivo deste ensaio é analisar na construção narrativa e de personagens, principalmente as femininas, as questões relacionadas ao corpo e o seu lugar neste espaço ficcional distópico e pessimista: Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem, ou seja, as limitações humanas neste espaço social comum e frente e a si mesmos



QUARTOS: ESPAÇOS DE REGISTRO DA EXPERIÊNCIA URBANA

Autora:

CLAUDIA DE AZEVEDO MIRANDA

klaumiranda@gmail.com

Resumo:

Este ensaio em formato de registro de notas pretende investigar como o quarto, ícone da esfera privada é invadido pela esfera pública na contemporaneidade. A partir desta perspectiva pensar o indivíduo num possível encapsulamento espacial e sua contradição que transita entre o medo e as ameaças frente ao espaço urbano em contraponto com o fácil acesso ao mundo via as redes digitais e o uso de mobiles. Nesta perspectiva, pretende-se pensar o espaço urbano de um ângulo diverso do que pensaram diversos estudos que têm a modernidade como referência e propor uma nova matriz, que coloca de lado as tradicionais abordagens que valorizam como espaços de representação da cidade, a rua e a janela. A herança de dois textos são marcos teóricos quando se pensa a cidade a partir destes espaços citados: o texto de At. Hoffman escrito em 1822, A janela da esquina de meu primo e o conto de Edgard Allan Poe, O Homem da multidão (1840), como assinala o crítico e professor Renato Cordeiro Gomes, no artigo Janelas indiscretas e ruas devassadas: duas matrizes para a representação da cidade publicado na revista Dispositiva

No conto de Hoffman, o escritor encontra-se numa cadeira de rodas e tem o panorama da praça visto pela janela da casa de seu primo. Ao narrar tudo que observa da janela, o narrador propõe ao leitor uma arte de olhar, porém um olhar espectador que não participa do que vê, ao contrário do conto de Poe, em que o homem que se encontra convalescente e olha a multidão, é atraído por seu burburinho e se mistura a ela. Anos mais tarde, inspirado em Baudelaire, Walter Benjamin vai pensar a rua como experiência urbana, por meio da figura alegórica do flâneur que passa a ser o representante de um tipo de narrador da cidade, que anda por suas ruas e tudo vê.

O que se pretende é abandonar essa perspectiva da modernidade e olhar para o interior das casas como espaços representativos da cidade e introduzir um novo ponto de vista. Investigar como a cidade se projeta nos objetos dos quartos ou na falta deles, nos sons das ruas que invadem sem cerimônia o espaço interior, nas sombras silhuetadas nas paredes, filtradas ou não por persianas e cortinas. Perceber como a esfera pública invade a esfera privada, sem pedir licença. Violenta, ruidosa.

Soma-se a este quadro, a existência do ciberespaço com suas infovias e o acesso a uma rede mundial de computadores, em que os smartphones e tablets são braços móveis circulando no espaço mais íntimo da casa, o quarto de dormir, até mesmo a cama. Garras da cidade na esfera privada, como revelam os trechos

selecionados, a seguir:

CENA 1: QUARTO COPACABANA

Som de fogos e tiros. Barulho de estilhaço de vidro. Rajada de metralhadora.

Mulher grita.

Silêncio.

Vozerio na rua. Som de sirene. Freada brusca. Gritaria. Uma mulher chora e berra desesperada. Batida de

porta de carro. Som de Sirene.



Silêncio.

CENA 2: QUARTO - SÃO PAULO

(- Mulher...ô mulher...

-Ahn?

- Você ouviu?

- Ouviu?

- O quê?

-Parece que tem alguém gemendo...

-É...

- Santo Deus!

- Shshshiuuu... Fala baixo!

- Mas tá aqui... bem na porta

- Fica quieta

- Ai, meu Deus!

CENA 3: QUARTO FAVELA SÃO PAULO

Um rato, de pé sobre as patinhas traseiras, rilha uma casquinha de pão, observando os companheiros que se espalham nervosos por sobre a imundice como personagens de videogame. Outro, mais ousado, experimenta mastigar um pedaço de pano com emplastro de cocô mole, ainda fresco e, desazado, arranha algo macio e quente, que imediatamente se mexe, assustando-o. No após, efeito, aferra os dentinhos na carne tenra, guincha.

Excitado, o bando aproxima-se em convulsões. O corpinho débil mumificado em trapos fétidos denuncia o incômodo...

CENA 4: QUARTO FONTAINHAS/ LISBOA

Penumbra.

Vanda, uma tóxica dependente, enrola um baseado sentada em sua cama. Som ininterrupto de escavadeira que derruba paredes ao redor do cômodo. Pago seu vizinho entra no quarto e puxa conversa. Falam do futuro.

Pango diz que a vida é destino, Vanda acha que o grupo vive a vida que quer. Som de parede que cai. A escavadeira recomeça.

A QUEBRA DE PARADIGMA DO QUARTO BURGUES

O quarto da contemporaneidade perdeu o imaginário burguês, palco dos romances do século XIX, como os emblemáticos *Madame Bovary* de Flaubert ou em *Os Maias* de Eça de Queirós, onde estes cômodos eram lugar de encontros amorosos, confidências e segredos.

Walter Benjamin em *Imagens de Pensamento* (2013) relata que nas casas burguesas, o morador deixava sua marca em todos os cantos, nos bibelots das cornijas, nos naperons com monogramas dos sofás, nos quadros transparentes em frente das janelas, no guarda-fogo diante da lareira. Ao alugarem quartos naquela época, as senhoras o faziam com o aposento mobiliado, fazendo com que o inquilino ao entrar no ambiente alugado deixasse para trás ou do lado de fora, os vestígios de trabalho entre outros. Benjamin escreve que viver nestes aposentos, aveludados não era mais do que deixar atrás de si, vestígios produzidos pelos hábitos. E define este modo de fazer com a categoria hóspede de quarto mobiliado onde aquele que aluga o espaço, deve conviver o universo imaginário daquela senhora, as fotografias de sua família e outros objetos de estimação. Para o filósofo, esta relação começa a se alterar com a introdução do aço e do vidro nas construções modernas que cria um novo conceito de moradia, espaços em que não é fácil deixar vestígios. Segundo Benjamin, o ambiente do vidro cria uma cultura própria capaz de transformar as pessoas. A arquitetura moderna abre a caixa arquitetônica da casa para a cidade.



Os quartos de dormir burgueses descritos por Benjamin, vão dar lugar a um outro tipo de aposento, como o descrito por Rilke em *Os cadernos de Malte Laurids Brigge* (1910), onde a intensidade dos ruídos das ruas vai possibilitar o reconhecimento da presença da cidade.



RASTROS, RESÍDUOS E RUÍNAS: O PERIGO NO ESPAÇO TRÍPTICO DA ARGEL COLONIAL NO CONTO *LES TROIS DAMES DE LA KASBAH*, DE PIERRE LOTI

Autora:

ROBERTA DA ROCHA SALGUEIRO

rrsalgueiro@gmail.com

Resumo:

Publicado em 1882 e inédito em português, o conto *Les trois dames de la Kasbah* oferece uma breve amostra do ambiente ficcional característico de Pierre Loti, conforme aponta Todorov: a superposição entre exotismo e erotismo. Neste conto com contornos de fábula, a calmaria da Kasbah, a cidadela de Argel, é rompida com a entrada ruidosa de seis marinheiros bascos, vindos da parte moderna da cidade em busca de aventura. Atraídos pela promessa de sensações orientais e pela sedução de uma das três mulheres que nomeiam o conto, três dos marinheiros adentram o harém, de onde emergem felizes, no dia seguinte, inadvertidamente contaminados pela doença que causará a morte de um deles e afetará a saúde dos filhos dos outros dois. A parte moderna da cidade de Argel, a cidadela e o harém são espaços marcados pela presença colonial, cujos efeitos e consequências transparecem também na escolha do vocabulário macabro que descreve e define esses espaços e que prenunciam a tragédia das personagens. A moderna Argel, onde os marinheiros desembarcam e embriagam-se, é alcunhada de Babel pelo autor: um lugar que perdeu sua nacionalidade para se prostituir, se abrir a todos. A cidadela, Kasbah, tem contornos sepulcrais, com suas ruínas, seus muros caiados e ranger dos velhos portões. O harém, a parte central do tríptico exótico oriental, é o lar das mulheres empobrecidas, cujo pai e marido provedor foi morto na resistência contra os franceses. Ali, no espaço interdito da família muçulmana, o perigo é exposto, real e insidioso: as mulheres enclausuradas que se prostituem para sobreviver retornam quase inconscientemente aos europeus o resíduo mortal de sua presença colonial. A articulação entre os três espaços que compõem a Argel de Loti, tendo por peça central o harém, clássico locus do exotismo orientalista francês, será objeto de análise neste estudo.



SÃO LUÍS EM CENA: MUTAÇÃO E RESISTENCIA NO ROMANCE SEMPRE SERÁS LEMBRADA, DE JOSUÉ MONTELLO.

Autora:

THALITA DE SOUSA LUCENA

Lytinha_lucena@hotmail.com

Resumo:

A cidade se embebe de significados pelos usos de seus partícipes a qualquer unidade urbana se concretiza como tecido de relações, formas materiais/imateriais, lugar de sentido, referência e sensibilidade. No traçado escritural e literário, a cidade representada se desdobra em um vasto repertório de imagens que também se apropriam dessas configurações: os personagens fazem saber acerca da urbe por seus movimentos que se estendem por entre percursos e passagens. A cidade de papel e tinta delinea cenários de ruas, praças, igrejas e demais espaços. Por essas considerações, propomos analisar a natureza da urbe em seu respectivo processo de permanências e rupturas na obra *Sempre serás lembrada* (1999), do escritor maranhense Josué Montello, tanto pelas sensações perpassadas pela voz do narrador, quanto nos sentidos estabelecidos pelos personagens centrais. Nossa pesquisa dialoga com a visão de Candido (2006), Pesavento (2002), Calvino (1990), Halbwachs (2006), Bauman (2001), dentre outros não menos importantes. A pesquisa dialoga com a visão de Candido (2006), Pesavento (2002), Calvino (1990), Halbwachs (2006), Bauman (2001), dentre outros. Na composição da narrativa montelliana, encontramos os tons dos ambientes urbanísticos de São Luís do Maranhão, no entanto para além do encontro da forma literária com o desenho urbano, a cidade ficcionalizada se coloca como lugar de afetividade / permanência, enquanto fulcro de modernização. Se de um lado o passado da ilha ludovicense ressoa pelas vivências dos personagens nos marcadores de referências, o crescimento e a expansão urbana ameaçam apagar essas projeções, prometendo novas formas de estar e viver na cidade, e consecutivamente, novas experiências.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço, memória, cidade, Josué Montello



TESSITURAS DO LOCUS HORRIBILIS: A REPRESENTAÇÃO DA CASA NO CONTO THE PICTURE IN THE HOUSE DE H.P. LOVECRAFT.

Autores:

ELVES BOTÉRI

elvesboteri@hotmail.com

LUCIANA COLUCCI

profalucianacolucci@gmail.com

Resumo:

A literatura gótica inicia-se no século XVIII, na Inglaterra, com a publicação de *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole. A abrangência dessa obra extrapola os limites espaço-temporal, sendo que a mesma é relida e problematizada por inúmeros escritores, como por exemplo, Edgar A. Poe (1809-1849), Bram Stoker (1847-1912), Daphne du Maurier (1907-1989), bem como artistas e intelectuais em geral. Costuma-se

destacar, como alguns dos principais operadores de leitura característicos da literatura de vertente goticista, o tempo medieval (castelos, igrejas, cemitérios, florestas, ruínas os quais evocam um tempo passado), o espaço (representado pelo locus horribilis), as personagens vilanescas (donzelas, cavaleiros, vilões, os criados) e o medo (sobrenatural ou não). O escritor americano Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), mais conhecido

como H.P. Lovecraft, elaborou seus contos por meio da releitura de *The Castle of Otranto* e, principalmente de Edgar Allan Poe. Um dos elementos de Otranto que Lovecraft explora em sua ficção é o espaço e sua representação como locus horribilis, ou seja, um local decrépito, repleto de memórias fantasmagóricas o qual desperta o medo. Faz-se necessário ainda, reforçar que todos os elementos que envolvem a casa e o ambiente em que está inserida são características relevantes do estilo gótico; todos os detalhes que envolvem o ambiente serão analisados de forma a apresentar os traços da maquinaria gótica deste espaço. Dessa forma, Edgar Allan Poe (1809-1849) tem papel importante quando se trata deste assunto, pois é um autor de destaque no que tange à construção desse tipo de espacialidade. A partir da maquinaria gótica apresentada por Walpole em Otranto (tempo, espaço, medo e personagem), estuda-se a representação da casa como locus horribilis em Lovecraft. Nesse sentido, analisamos como a casa, sua espacialidade, seus ornamentos e seu mobiliário são fatores cruciais na construção e metamorfose em locus horribilis no conto *The Picture in the House* (1920), de Lovecraft



TOPOANÁLISE DE FRAGMENTOS DE VÖLUSPÁ E GYLFAGINNING: INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NO RAGNARÖK

Autores

CAMILA MANOELA SILVA

camismoela@gmail.com

VINICIUS SABINO CRUZ

vini.bog@hotmail.com

Resumo:

O poema Völuspá é o poema mais famoso da Edda Poética e é composto por 66 estrofes. No poema, uma völva (vidente), conta ao deus Odin sobre três acontecimentos: criação do mundo, a guerra entre os deuses Aesir e Vanir e a destruição do mundo. O objetivo do presente trabalho é analisar o espaço nos trechos referentes ao Ragnarök, que consiste nas estrofes de número 38 a 58. Essa palavra significa Destino dos Deuses e figuras importantes da mitologia, como Odin, Thor e Loki morrem. Além da morte de deuses que são cerne dessa mitologia, o espaço apresentado também é afetado. Durante o Ragnarök, o sol é engolido, as estrelas caem do céu, a Yggdrasil (árvore que fica no centro do mundo) treme e o mundo é submerso em água.

Após esses acontecimentos, a vidente narra sobre como o mundo será recriado. Na Edda em Prosa, a criação, destruição do mundo e outros acontecimentos são narrados em Gylfaginning, especificamente os capítulos 26, 34 e 51. As duas obras foram utilizadas como material para nossa análise. Na descrição do espaço narrado pela vidente, apesar da demasiada diferença entre o tempo da obra e o tempo atual, é possível fazer alusão a tudo o que conhecemos hoje, referentes à espacialidade natural presentes no poema. Esse foi o ponto de partida para escolha da topografia literária como ensaio deste trabalho. A topografia nada mais é do que o estudo do espaço na obra literária (BORGES FILHO, 2008). Adentro da topografia literária, nosso enfoque é o estudo da topografia literária, ou seja, na pesquisa da segmentação do texto, dos macroespaços e microespaços presentes em fragmentos analisados das duas obras. A mitologia nórdica é explorada como fonte de inspiração e embasamento para diversas obras, como livros, filmes, séries e músicas. Assim, vemos como essa mitologia ainda é parte importante da nossa cultura.

Palavras-Chaves: Topografia literária. Mitologia. Topografia Literária.



**INTERFACES ENTRE O ESPAÇO TEATRAL, O CORPO E A MEMÓRIA:
REPRESENTAÇÕES DO CAMPO E DA CIDADE NO ESPETÁCULO OPINIÃO (1964)**

Autores:

SYLVIA CRISTINA TOLEDO GOUVEIA

toledoygouveia@gmail.com

Resumo:

Em 1964, oito meses após a instauração do regime militar no Brasil, estreava no Teatro Shopping Center, sob direção de Augusto Boal, o espetáculo Opinião, dramaturgia musical concebida esteticamente sob a forma de teatro-verdade. Sobre o palco, num espaço narrativo permeado por poemas, canções e pequenos diálogos, os protagonistas discorriam, em tom confessional e testemunhal, acerca de suas memórias. João do Vale, o sertanejo; Zé Ketí, o sambista do morro; e Nara Leão, a bossanovista carioca, traziam por meio de seu corpo a amálgama do espaço-tempo da ação em cena. O presente trabalho objetiva, com fundamento no arcabouço teórico de Merleau-Ponty e de Gaston Bachelard, a propósito da fenomenologia e da poética do espaço, propor uma reflexão acerca do corpo enquanto espaço da memória e, ao mesmo tempo, laboratório da narrativa teatral. Ao eleger o espetáculo Opinião como objeto de análise, o presente estudo objetiva, ainda, abordar a maneira como, na cena poética do espetáculo, dissolveram-se, em meio aos testemunhos dos protagonistas, as dicotomias da vida no campo e na cidade, com o enfrentamento de temas como o abandono da vida no sertão, o estranhamento ante o crescimento desordenado centros urbanos e às mudanças econômicas, culturais e sociais experimentadas no país. Os estudos de Antônio Candido, a propósito das representações do campo e da cidade na literatura, fornecerão as balizas sobre as quais se edificará a compreensão do modo como, no espetáculo, o decurso narrativo seguiu edificado no corpo, enquanto espaço da memória e sede dos signos que inscreveram os registros testemunhais de "Opinião".



UMA LEITURA DA INTIMIDADE DO ESPAÇO URBANO NO FILME MEDIANERAS DE GUSTAVO TARETTO

Autores:

FABRÍCIO DOS SANTOS SANTANA (UFPI)

fabricio.santos.contato@gmail.com

Resumo:

No filme *Medianeras* (2011), obra do cineasta argentino Gustavo Taretto, logo no início do longa-metragem, ao se deparar com a voz em off dos personagens protagonistas, Martín e Mariana, é perceptível que a narrativa repousa em uma recorrente reflexão sobre a arquitetura da cidade de Buenos Aires bem como a relação que se estabelece entre os personagens e o espaço urbano. Com vista a promover uma discussão sobre o espaço urbano contemporâneo, pretende-se com este estudo realizar uma leitura crítica do filme *Medianeras*, trabalhando com a hipótese de que os protagonistas, Martín e Mariana, estão interligados de maneira íntima com a cidade de Buenos Aires, local no qual se passa o filme. Dessa maneira, aqui se considera os argumentos traçados por Bauman (2005) a cerca dos conflitos inerentes ao sujeito pós-moderno, dada a recorrência do tema na obra, como a solidão vivida pelos personagens, e o conceito de topofobia apontado por Yi-Fu Tuan (1982) se atentado ao clima psicológico do filme. Para isto, o presente trabalho recai sob o método topoanalítico proposto por Gaston Bachelard (2008) em sua obra *A poética do espaço*, notadamente da relação íntima dos personagens com o espaço urbano, relação esta percebida através da descrição do cenário tanto disposto na tela durante o percurso fílmico como descrita pelos protagonistas durante a narrativa. Além do viés da topoanálise, leva-se em conta ainda a perspectiva semiológica defendida por Metz (1980) em que o filme-semiólogo se propõe a analisar a partir dos significantes fílmicos os possíveis significados gerados para o espectador da obra. No desenvolvimento do trabalho aqui explanado são consultados ainda relevantes pesquisadores da teoria do cinema como Robert Stam (2009), Marcel Martin (2011), Ismail Xavier (2005) e Jean-Claude Bernardet (1980).



ESPAÇOS URBANOS NA LITERATURA BAIANA CONTEMPORÂNEA

Milena Guimarães Andrade Tanure (PPGLITCULT-UFBA)

A crítica literária tem demarcado o modo como o texto literário tem sido utilizado para tentar recuperar o que perdido, tendo o poder de conferir o reconhecimento e o sentimento de estabilidade e pertencimento, razão pela qual as representações memorialísticas têm ganhado vulto. Pensando nisso, o presente artigo propõe-se a pensar a produção literária contemporânea brasileira a partir de um recorte regional, o Estado da Bahia e, mais especificamente, as imagens da cidade de Salvador que são por ela representadas. Ao se representar os espaços físicos, constituem-se espaços da memória que significam não pela sua própria existência, mas pelas relações humanas que são neles travadas e as vivências que deixam marcas na própria cidade e na memória. Dessa forma, o intento é analisar o modo pelo qual, a partir de representações do espaço urbano, o texto literário baiano é capaz de engendrar a leitura de memórias subjetivas e coletivas. Partindo do conceito de memória, as considerações se desenvolvem no intuito de inventariar esse mapa memorialístico a partir das lembranças das personagens em uma cidade de Salvador da atualidade e de um dado passado. Como delimitação do *corpus*, cotejaremos as produções literárias dos escritores Carlos Ribeiro e Fabio Mandingo a fim de destacar o modo pelo qual ambos projetam uma dada imagem da cidade de Salvador, a partir de espaços muito bem demarcados, e se entrelaçam pelos fios da memória que dão a ver não apenas espacialidades, mas as experiências que dão forma e cor às ruas, esquinas e vielas que se encenam nas narrativas. Para tanto, as considerações apresentadas desenvolvem-se a partir do entrecruzamento de leituras dos textos literários, mas também históricos e sociológicos, como de Lejeune (2008), Gagnebin (1997), Arfuch (2010) e Halbwachs (1990), Pesavento (1999), Duarte (1989) e Gomes (1999). A partir de tais leituras, é possível pensar categorias como memória, espaço urbano e memória coletiva a fim identificar o modo pelo qual a narrativa literária é capaz de permitir que se estabeleça a relação entre memórias subjetivas e coletivas a partir da representação do espaço urbano.



VIAGENS, LITERATURA DE VIAGENS E REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO

Didiana Fernandes dribeiro@estgl.ipv.pt CI&DETS

Isabel Oliveira ioliveira@estgl.ipv.pt CI&DETS

Neste artigo procura-se abordar e analisar algumas modalidades de entendimento da paisagem vinculadas a práticas de viagem de diversa índole em particular, na construção de uma paisagem histórica e de uma imagem da organização humana no passado.

Alguns autores defendem que a literatura de viagens tem sido, ao longo dos séculos, tão popular como qualquer outro tipo de literatura, sendo, no entanto, muitas vezes negligenciada. Ao longo dos tempos este género tem sido utilizado como fonte de informação, tendo proliferado, nos últimos anos, os estudos sobre a viagem e sobre a perceção da sua relevância para o conhecimento das atitudes mentais perante um dado espaço geográfico, social e cultural.

Neste trabalho procura-se a representação do espaço de viagem com uma sumária incursão pelos trilhos da multidisciplinaridade no estudo do Espaço, que se situa entre campos diversos, onde se procura compreender como se constrói uma imagem de um espaço que vem ocupar um lugar de destaque. Será que poderemos falar em transformação do espaço e da cultura? Para nós o que é mais pertinente é o facto de os espaços de representação estarem associados ao vivido, porque, no fundo, o que desejamos apreender é a representação de um espaço através de fontes do passado – os guias de viagem que geram “espaços guiados” de estereótipos que fazem parte de uma identidade nacional ou regional e que são refletidos em informações textuais.

Como podem os guias de viagem funcionar como fontes de estudo? Serão credíveis? Será assim que, em busca de um quadro teórico, se abordam e analisam as particularidades destas fontes. Os guias de viagem sugerem a escolha de caminhos e destacam objetos, para que os visitantes se concentrem no fundamental. Partimos, pois, do princípio de que, estas obras, apesar do carácter redutor, que muitas vezes lhes é atribuído, podem apresentar uma ideia de como terá sido sucessivamente construída e transmitida uma imagem expectante dos lugares e das suas paisagens.

Palavras- chave: Representação, paisagem, viagens, literatura de viagens, guias de viagem



ANÁLISE TRADUTÓRIA SOBRE A NARRATIVA ESPACIAL DOS POEMAS DE WANG WEI, POETA DA CHINA ANTIGA

Zhihua Hu (Universidade de Aveiro, CLLC)²

Maria Teresa Roberto (Universidade de Aveiro, CLLC)³

A Poesia da Dinastia Tang (D. C. 618-906) da China consiste num considerável acervo de literatura clássica chinesa, abrangendo uma grande quantidade de imagens da cultura chinesa. Ao longo da última década, com a dedicação de tradutores e estudiosos da tradução, o estudo e a divulgação de muitos destes poemas já foram introduzidos nos países ocidentais. Entre os poetas desta época, Wang Wei é considerado um dos mais famosos, que, além de compor poemas, também era bem versado em música e pintura; sendo um excelente representante dos poemas pastorais da sua época. Muitos dos seus poemas possuem as seguintes características: (1) tema relacionado com paisagem e vida pastoril; (2) poemas com características de pintura ; (3) reflexões sobre ideias budistas. (Zhu, 2002).

A tradução mais popular dos poemas de Wang Wei é de G. W. Robinson, publicada em 1973 pela Editora Pinguim, cuja qualidade de tradução é amplamente elogiada (Shu, 2017); e a tradução mas especial consiste na versão resultante da cooperação entre Tony Barnstone, Willis Barnstone e Xu Haixin em 1989 (segundo Shu, 2017), no prefácio da qual, apontam-se as conceções artísticas dos poemas de Wang, analisando, concretamente, as características essenciais, tais como, as ideias budistas, o vazio e a tranquilidade, e enfatizando a importância da correspondência do estilo entre o texto alvo e o texto fonte, do uso de palavras sucintas, simples e fluentes, e evitando as elaborações supérfluas. A tradução em que nos baseamos é uma coletânea de Wang Wei, traduzida por António Graça de Abreu, publicada em 1993, que até agora é a única tradução para língua portuguesa.

Sob a perspetiva da narrativa espacial, pretendemos efetuar uma exploração profunda sobre os recursos espirituais e valores culturais implícitos nos poemas de Wang Wei. Concretamente, as análises serão desenvolvidas a partir dos três seguintes aspetos: o espaço de vida, o espaço das imagens e o espaço espiritual, a fim de ilustrar as conotações implícitas na narrativa espacial nos poemas de Wang Wei e as ideias budistas abundantes nos poemas. Através da análise destes três

² Doctoral student in Translation and Terminology at the Department of Languages, Literature and Culture of the University of Aveiro;

Doctoral investigator of the Center of Languages, Literature and Culture (CLLC) of the same University.

Email: ramonhu@outlook.com

Cellphone: 933975105

Address: Residência Universitária B.4., Campus Santiago, Universidade de Aveiro, 3810-193, Aveiro, Portugal

³ Auxiliary Professor at the Department of Languages, Literature and Culture of the University of Aveiro;

Integrated researcher of the Center for Languages, Literature and Culture (CLLC) of the same University;

Director of the Doctoral Program in Translation and Terminology.

Email: mariateresaroberto@ua.pt



aspectos, tentaremos destacar as características da narrativa espacial dos poemas, procurando explicar a popularidade gozada pelos poemas de Wang Wei e deixando patente o contributo destes poemas para a poesia chinesa.

Palavras-chave: Poemas Chineses; Wang Wei; Análise Traduória; Narrativa Espacial



THE BIRTHPLACE, de HENRY JAMES: OS EVENTOS PSICOLÓGICOS E AS AÇÕES DINÂMICAS

Natasha Costa
nvscosta@gmail.com

Quando se trata do mundo físico na ficção de Henry James (1843-1916), muitos críticos concordarão que o espaço literário imaginado pelo autor é uma categoria narrativa polissêmica que dialoga com as incertezas, afetos e medos do ser humano. Contudo, as nuances deste entendimento divergem. Enquanto alguns autores consideram as salas, as estátuas, as moradias, os objetos, as praças, etc. como um meio de estabelecer relações e entendimentos entre os personagens, outros críticos entendem o tratamento jamesiano à dimensão física pela perspectiva do materialismo estadunidense na virada do século XX. Nesta pesquisa, ainda em andamento, optamos por examinar a relação entre os personagens e a dimensão material no conto *The Birthplace*, publicado em 1903 na coletânea *The Better Sort*. Nosso objetivo é entender os eventos psicológicos e as ações dinâmicas comunicadas pelos verbos ou, em outras palavras, observar a semântica dos processos mentais e materiais da narrativa. *The Birthplace*, um conto humorístico, é sobre a idolatria a um autor de língua inglesa já falecido e nunca nomeado no conto – James se refere implicitamente à bardolatria: aos exageros da devoção ao William Shakespeare de Stratford-upon-Avon. O conto relata a experiência do casal Morris e Isabel Gedge, os novos guardiões e guias da casa do bardo, que foi transformada em ponto turístico. De que forma, então, são descritas as interações de Morris e Isabel com este espaço de adoração? Quais efeitos de sentido oferecem ao leitor? Como dialogam com as condições sociais da época de James? Para responder a tais questionamentos, recorreremos à crítica linguística (CHATMAN, 1972; FOWLER, 1994; HALLIDAY, 2014), abordagem que se volta ao campo da linguística para investigar a relação entre os signos da narrativa, bem como as origens extraliterárias dos significados. Os resultados parciais desta pesquisa sugerem a tendência de James em introduzir a dimensão física por meio dos processos mentais dos personagens, ou seja, por meio de verbos que não transmitem dinamicidade. Tal aspecto dialoga, num viés extratexto, com a ênfase na representação da mente que distingue o movimento modernista. Em segundo lugar, é possível perceber certo baralhamento entre as dimensões física e psicológica, pois James emprega verbos com sentido contemplativo e reflexivo para introduzir o espaço, como se emparelhando competitivamente materialidade e intelecto. Pode-se identificar aí uma crítica à cultura do consumo, uma prática marcada pela exaltação e elevação do status das coisas e acentuada nesta lógica do turismo. Afinal, podemos perceber que as escolhas verbais de James para descrever a relação entre os personagens e o mundo físico em *The Birthplace* tanto atuam na produção dos sentidos internos da narrativa quanto manifestam as condições artísticas e sócio-históricas de sua época.

Palavras-chave: Literatura estadunidense. Espaço literário. Análise linguística



IT CAN'T HAPPEN HERE - OR CAN IT?: de WINTHROP a WINDRIP ou a AMÉRICA COMO ESPAÇO UTÓPICO, HETERÓTOPICO OU TOPOFÓBICO

Susana Relvas (Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, srelvas@esev.ipv.pt)

Ana Maria Costa Lopes (CI&DETS/Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, anacostalopes@esev.ipv.pt)

Susana Amante (CEL/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, susanamante@utad.pt)

Na sua obra *The Puritan Origins of the American Self* (1975:136) Bercovitch sustenta que, na América, foi graças à retórica dos puritanos da Nova Inglaterra que fenómenos como o expansionismo (à custa do morticínio dos índios), entre outros, associado à noção de destino manifesto puderam ser entendidos como estando inscritos numa teleologia de natureza sagrada:

Early New England rhetoric provided a ready framework for inverting later secular values – human perfectibility, technological progress, democracy, Christian socialism or simply, (and comprehensively) the American Way - into the mold of sacred teleology.⁴

Assim, o objetivo desta proposta de comunicação consiste em procurar demonstrar que Buzz Windrip, protagonista do romance *It Can't Happen Here*, de Sinclair Lewis, é herdeiro de uma cultura fundada numa ideologia de matriz puritana que, mantendo presença indelével ao longo de cerca de 300 anos de histórias individuais e da História coletiva, continuava preponderante na América durante o período da Grande Depressão (e até mesmo na época presente; basta lembrar a eleição de Donald Trump). Procuraremos pois aferir, de acordo com a dialética da espacialidade, tal como a definiu Soja (1999) de que forma é que um *firstspace*, isto é, um micro e macro espaço, empiricamente mensurável e passível de ser identificado num mapa se entretete e dialoga com o *secondspace* (lugar individualizado, imaginado ou idealizado) dando por fim lugar ao *thirdspace*, espaço indissociável das práticas individuais e coletivas e, conseqüentemente, da cultura e ideologia. A cultura e fundamentalmente a ideologia funcionam como um espelho para as classes detentoras de poder, conforme observa Terry Eagleton em *Literary Theory* (172-3), numa leitura do filósofo francês Althusser, pelo que estas classes veem na sua imagem especular uma espécie de corpo uno, da qual *The Other* está naturalmente excluído, sejam os negros, sejam sobretudo os povos indígenas (leia-se *first peoples*), para referir apenas dois exemplos. Por esta razão, a classe dominante arrebatava para si a

⁴ A retórica da Nova Inglaterra dos primórdios do período de colonização proporcionou um enquadramento adequado para converter valores seculares posteriores - perfectibilidade humana, progresso tecnológico, democracia, socialismo cristão ou simplesmente, (e abrangentemente) o Modo de Vida Americano – na matriz da teleologia sagrada.



qualidade de sujeito, *Othering*, isto é, relegando o "Outro", para espaços heterotópicos⁵ ou topofóbicos, não raramente dotados de um panótico⁶.

A psicanalista Melanie Klein, na sua obra *Developments in Psychoanalysis* atribui ao fenómeno de rejeição da alteridade a designação de identificação projetiva, a qual garante a preservação do corpo [(classe (s) dominante (s)] e o (a) protege contra a ansiedade que o medo da morte acarreta: “[...] there is, in the unconscious, a fear of annihilation of life” (2002: 275, ênfase original)⁷. Deste modo, mediante um mecanismo de projeção, o sujeito faz recair sobre o “outro”, visto como um “mau objeto”, a sua ansiedade persecutória e os seus instintos destrutivos.

No romance *It Can't Happen Here* (que, segundo diversos críticos, constitui uma antevisão premonitória da América dos nossos dias, governada por Donald Trump) são vários os objetos, percecionados, numa terminologia kleiniana como “maus objetos”, sobre os quais o protagonista e as personagens que, tal como ele, representam os sujeitos brancos, de ascendência puritana, podem projetar os medos que os atormentam, salvaguardando assim a sua própria integridade, sendo que o “mau objeto”, poderá ser o trabalhador ou sindicalista, o sujeito liberal ou radical, o negro, o índio, o judeu e, de uma maneira geral, qualquer imigrante.

Palavras-chave: teleologia, utopia, dialética da espacialidade, espaços topofóbicos, espaços heterotópicos.

⁵ Foucault, Michel (1994): “Des espaces autres”. *Dit et écrits. IV. 1954-1988*. Paris: Éditions Gallimard, 752-762.

⁶ Foucault, Michel (1999): *Vigiar e Punir*. Petropolis : Editora Vozes.

⁷ [...] há, no inconsciente, um receio da aniquilação da vida.



UM DESERTO NO APARTAMENTO A PAIXÃO DO LUGAR SEGUNDO G.H ou dos «LUGARES» DA PAIXÃO DA ESCRITA EM CLARICE LISPECTOR

Hugo Amaral

hugomendesamaral@gmail.com

Resumo:

No seu espaçamento constitutivo, *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector, encontra na figura do apartamento um centro temático que se desloca. Locomovida pelo «algures» de um limiar ou de um limite insubstancial, esta obra, enquanto questionamento radical da solidez fundadora do *logos*, é um reenvio luminoso à penumbra de um *fora* absoluto (*ab-solus*, isto é, separado ou apartado), quase inacessível e intactamente secreto: o encontro, numa divisão do apartamento (no quarto-minarete da empregada), com uma figura da alteridade absoluta (a barata), desloca este «último andar», à partida privilegiadamente posicionado para quase tocar o sublime, para a exterioridade de um lugar desértico e sem idade, de um alhures, de um «lugar sem lugar» (Blanchot *dixit*) ou de um «deserto no deserto» (à Derrida), a partir de onde se pensa, escreve e somos convidados a ler.

Partir-se-á assim de um pensamento em desconstrução do apartamento como *lugar limite* para logarmos propor uma breve leitura de *A Paixão Segundo G. H.* como *paixão do lugar*, já que este escrito gravita, justamente, em torno da matinalidade interpelante de um «não-lugar»: um «não-lugar» que não é senão o lugar da não coincidência da palavra com o real ou o referente, logo um espaço intraduzível e a solicitar a tradução, em si mesmo já mais de um porque incalculável, no limite impensável ou impartilhável, ou seja, um lugar que não é puramente o espaço como meio de um sentido, mas antes um certo lugar que, transformado em deserto, sobrevém, ao mesmo tempo e como que paradoxalmente, como a própria respiração da memória, do pensamento, da linguagem e, *ipso facto*, da literatura.

Afectada pelo velar atento ou pela *experiência pática* (e paixão e provação) do espaço que se articula e declina já sempre com alteridade – o apartamento tanto diz a casa (*chez soi*) quanto a separação, o distanciamento, o espaçamento de si a si (*chez l'autre*) –, *A Paixão Segundo G.H.* traça uma rota de desvio ou de digressão do outro que magnetiza a escrita literária: um *outro absoluto* que de-limita uma identidade (subjectiva e espacial) que só advém a si pela separação, tão estranha e tão próxima no seu apartamento incomensurável.

Medindo-se ao que nela se espaça, nenhuma leitura poderá, talvez, consignar um lugar próprio a esta obra de Lispector. Mas essa desmesura que nela se dá como evento, abrindo, desdobrando, fendendo e infinitizando toda e qualquer cartografia do lugar, é o próprio processo de «ter-lugar» da escrita. Segundo Lispector, a literatura teria assim lugar como *apartamento*, na medida em que é movimento para o que não se limita a um tópos ou a uma fenomenalidade. Mas é justamente «aí» – eis a nossa



hipótese = que a escrita literária encontra a sua condição de possibilidade, e de possibilidade da relação ao próprio lugar da sua proveniência.

Palavras-chave: lugar-limite, paixão, literatura, alteridade.



REPRESENTAÇÕES E REDIMENSIONAMENTOS DO ESPAÇO no LIVRO-ALBUM: «UMA SUBTIL FORMA DE CUIDADO»

Dulce Melão, Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação, dulcemelao@esev.ipv.pt

Resumo:

É consensualmente reconhecida a relevância do estudo do espaço literário, nos seus distintos e amplos desdobramentos, crescentemente valorizados pela sua diversidade e pela sua singularidade (entre múltiplos outros aspetos). Embora o foco de atenção da investigação que tem vindo a ser realizada incida, sobretudo, no romance, múltiplas áreas disciplinares contribuem, hoje, para o redesenho e consequente enriquecimento de cartografias multimodas da espacialidade. A textualização do espaço e a espacialização do texto (Reis, 2014), convocando os seus redimensionamentos, merecem atualmente particular reflexão, destacando-se, pelas suas repercussões em contexto escolar e extraescolar, os aspetos relacionados com a materialidade do livro.

No que se refere à literatura de potencial receção infantojuvenil, diferentes representações do espaço apelam, em permanência, ao estabelecimento de diálogos cúmplices com a ilustração, ganhando esta última particular fôlego no livro-álbum sem texto. Em Portugal, o investimento editorial em obras de qualidade que propiciam tais diálogos tem possibilitado aos leitores a multiplicação de espaços de fruição que alimentam o prazer de ler.

Nesse sentido, nesta comunicação procuramos refletir sobre as representações e os redimensionamentos do espaço no livro-álbum sem texto, centrando a nossa atenção e foco de análise em *Flores mágicas*, de JonArno Lawson (2015) e *Máquina*, de Jaime Ferraz (2017).

No que respeita ao enquadramento teórico do nosso estudo, este resulta do cruzamento da proposta de Borges Filho relativa à topoanálise (Borges Filho, 2007) com os aspetos convocados pelo aparato peritextual das obras em estudo, apoiando-nos no referencial de Ramos (2011) e Sotto Mayor (2016). Assim, a nossa análise contempla: i) as funções do espaço, sua caracterização e seus desdobramentos; ii) a relevância dos redimensionamentos do espaço para a compreensão na leitura, amparada pelo carácter emancipatório da ilustração.

Concluimos que importa conceder atenção às representações do espaço no livro-álbum sem texto pelos amplos espaços de releituras que tal reflexão promove, resguardando, por vezes, «uma subtil forma de cuidado» (Costa, 2017) que potencia reencontros com os leitores.

Referências bibliográficas

- Borges Filho, O. (2007). *Espaço e literatura. Introdução à topoanálise*. S. Paulo: Ribeirão Gráfica Editora.
- Costa, R. (2017). *Mike Tyson para principiantes*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Ferraz, J. (2017). *Máquina*. Lisboa: Pato Lógico.
- Lawson, JonArno (2015). *Flores mágicas*. Ilustrações de Sydney Smith. Lisboa: Livros Horizonte.



- Ramos, A. M. (2011). Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo. In B.-A. R. Rechou, I. S. López & M. N. Rodríguez (Coord.), *O álbum na literatura infantil e xuvenil 2000-2010* (pp. 13-42). Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- Reis, C. (2014). Textualização do espaço e espacialização do texto. *Acta Scientiarum*, 36 (3), 243-249.
- Sotto Mayor, G. (2016). *Ilustração de livros de LIJ em Portugal na primeira década do século XXI*. Porto: Tropelias & Companhia.



NATUREZA E ESPAÇO: ANTONIO CANDIDO E A RECEPÇÃO DE GONÇALVES DIAS E GUIMARÃES ROSA

Lívia Fernandes Nunes

E-mail livia_fernandess2013@hotmail.com

O método crítico de Antonio Candido une texto e contexto, sincronia e diacronia e universal e particular, levando em conta a noção de sistema literário e valores advindos da análise do contexto de produção e de suas leituras anteriores. Por essa ótica, a literatura brasileira despertara no momento em que escritor, obra e público começaram a interagir, estabelecendo tradição e coerência entre produções e sua relação com a sociedade. Em seu ensaio “Natureza e rusticidade”, Candido afirma que a literatura passou a se configurar como sistema concomitantemente à formação do país e da concepção de brasilidade no Arcadismo e no Romantismo. Esses teriam encontrado beleza estética em formas naturais que prolongariam a ordem intelectual e vice-versa, por meio de bucolismo regido pela edenização poética do espaço campestre. O poema I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias, possui elementos espaciais que demonstram o universo indígena por meio de tabas, flores e troncos a fim de se reforçar ideais nacionalistas ligados à honra. O espaço tem tamanha importância também na obra de Guimarães Rosa, que partiu do mundo rural para consolidar sua potencialidade criadora e torna o romance Grande sertão: veredas tão poético quanto psicológico. No ensaio O homem dos avessos, Candido estuda rusticidade e meio físico como quadro da concepção de mundo real e mundo inventado do escritor. Os personagens, que cruzam rios, fazendas, pequenos povoados e morros, e o pássaro Manuelzinho-da-croa coexistem na mente do protagonista. Segundo o crítico, o rio São Francisco divide a vida de Riobaldo: de um lado, há mais nitidez na descrição dos fatos e dos locais pelos quais os personagens passam, e de outro, a paisagem torna-se propícia a tentações e a um pacto com o diabo. As obras de Dias e Rosa possuem temáticas semelhantes e formas diferentes: a primeira tem a natureza brasileira de modo nacionalista e a segunda, partindo do que é originalmente brasileiro, alcança a universalidade. Por fim, as duas recepções de Antonio Candido marcam uma evolução de seu conceito de regionalidade e, sobretudo, a dialética entre procedimento literário e fatores extrínsecos, a qual baseou a configuração de seu método crítico.



RECEÇÃO DA LITERATURA PORTUGUESA EM ANTÓNIO CANDIDO. ESPAÇO, FRONTEIRA, COLONIALIDADE E PÓS-COLONIALIDADE

Ana Maria Costa Lopes (CI&DETS/Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, anacostalopes@esev.ipv.pt)

Susana Amante (CEL/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, susanamante@utad.pt)

Susana Relvas (Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, srelvas@esev.ipv.pt)

Resumo

Com este trabalho pretendemos perceber a dimensão que a literatura portuguesa ocupa no pensamento sociológico de António Cândido (AC), através da análise dos seus ensaios de crítica literária, apoiando-nos no enquadramento teórico da literatura comparada, das literaturas mundo, no contexto dos estudos pós-coloniais, atendendo, em concreto, às noções de espaço e de fronteira, de imaginários e de representações, de influências e de ruturas que configuram a literatura como sistema (M. Foucault, 1984; B. Anderson, 1991; R.T. Tally, 2013)

Na revisão crítica da literatura e da cultura brasileiras, AC procede, em diversos escritos, à análise sociológica da produção literária do seu país, destacando o lugar da literatura portuguesa na génese e maturidade da literatura brasileira. AC tenta, assim, definir as fronteiras da literatura nacional, entre os períodos colonial e pós-colonial, entre a influência e a reivindicação de um espaço identitário próprio que caracteriza o sistema literário brasileiro.

Palavras chave: espaços coloniais e pós-coloniais, fronteira, identidade, geocrítica, heterotopias.



A CONSTITUIÇÃO DO CRONOTOPO EM *O CASTELO*, DE FRANZ KAFKA

Sandra Helena Andrade de Oliveira

Mestranda do programa de Pós-graduação em Letras-Literatura da Universidade Federal do Piauí-Teresina/PI, Brasil.

André Pinheiro (Orientador)

Professor Dr. do programa de Pós-graduação em Letras-Literatura da Universidade Federal do Piauí-Teresina/PI, Brasil

RESUMO:

Já há algum tempo, os teóricos da Física moderna vêm apontando um fator de dependência mútua entre os segmentos do tempo e do espaço, tornando extremamente dialética uma relação que muitas vezes fora tratada de forma dicotômica. De certo modo, esse julgamento atinge o campo da Teoria da literatura, visto que hoje há uma tendência em se destacar a indissociabilidade das categorias espacial e temporal no interior do texto literário. Mikail Bakhtin (1998) foi muito provavelmente o primeiro teórico a discutir o tempo e o espaço da narrativa de uma maneira interligada, gerando um elemento de análise a que ele nomeou de *cronotopo*. Para o estudioso russo, o *cronotopo* se estabelece a partir do instante em que o tempo histórico (assinalado pelas condições de vida, pelos hábitos e pelos costumes de uma sociedade) materializa-se em uma determinada forma espacial. Seguindo o curso dessa abordagem do espaço literário, o presente trabalho tem por principal objetivo analisar as manifestações cronotópicas que subsidiam a construção do romance **O castelo**, de Franz Kafka. À luz das teorias bakhtinianas, pretende-se identificar, analisar e indicar a funcionalidade interna dos diversos tipos de cronotopo presentes na obra. Dessa forma, a pesquisa se justifica pela necessidade de explorar e alargar as aplicações teóricas do cronotopo no contexto literário. O aporte teórico está centrado nos estudos de Bakhtin (1998), que tece uma ampla discussão acerca do cronotopo numa perspectiva literária, sem desconsiderar, contudo, aspectos ligados à realidade histórica e à materialidade factual. Como fundamentação complementar, a pesquisa também se ampara nos trabalhos de Borges Filho (2015), para quem, em plena consonância com a obra de Bakhtin, o tempo e o espaço no romance devem ser analisados de forma conjunta. Brandão (2001) também enfatiza o fato de tempo e espaço não serem categorias fixas e absolutas, mas sim relacionais e dependentes de referências que podem estar em constante transformação. Pode-se afirmar previamente que o romance de Kafka é edificado a partir da constituição de importantes cronotopos, a citar o castelo, o caminho e a estrada, que são essenciais para a construção da narrativa e para a composição humana dos personagens. Diga-se de passagem, toda a percepção da ação humana é articulada a partir dessa estruturação cronotópica, revelando a presença de seres previamente condicionados à mentalidade de seu tempo e aos desígnios de sua sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço ficcional; cronotopo; Franz Kafka; **O castelo**.



TRANSLATION and RE- IMAGE[I]NATION AS LOCUS AND FOCUS IN CHILDREN'S LITERATURE

Susana Amante (CEL/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, susanamante@utad.pt)

Ana Maria Costa Lopes (CI&DETS/Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, anacostalopes@esev.ipv.pt)

Susana Relvas (Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, srelvas@esev.ipv.pt)

Véronique Delplancq (CI&DETS/Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, vero@esev.ipv.pt)

Both Translation Studies and Children's Literature have been overlooked areas that only recently have received scholarly attention, crossing borders to be studied under a comprehensive multidisciplinary approach. However, the fact that this approach blends disciplines, particularly translating languages and cultures – and, even more specifically, with children and adolescents in mind – poses ethical queries, as Bermann (2005: 5) observes, and with which we entirely concur: “Translators have long agreed that the effort to render one language system into another requires a keen awareness of broad cultural as well as specific linguistic values. It also requires existential choices that are bound to have wide-ranging repercussions for the text and its audience”. These assumptions obviously require special attention while challenging children's readings of the Self/Other, because translations become “central site[s] for analyzing the contact of cultures and a paradigm for studying our multilingual world...” (Bermann & Porter, 2014: 2). Fundamental questions about the representations that are conveyed in books which use translations or that are translations themselves are therefore brought up: a. do these books follow domestication or foreignization strategies? b. what may be the impact of such strategies on children's reading and perception of the Self/Other? c. can translations be regarded as the locus of resistance, exposing us, according to Rushdie (1991: 15), to “new angles at which to enter reality” or, on the other hand, are they sites that allow us to imagine different nations, such as the First Nations of Canada or Native Americans, as exotic communities and map them outside the boundaries of modern landscapes? In this paper, we will attempt to address these questions, focusing on selected books by two authors: on the one hand, Samuel Langhorne Clemens, known by his pen name Mark Twain, and, on the other, from Canadian territory, Melanie Florence, a contemporary writer of Cree and Scottish heritage, and recipient of the TD Canadian Children's Literature Award and the Forest of Reading Golden Oak Award. As the main conclusion, we highlight the current trend in which translations are read as ‘liminal spaces’, using Bhabha's words, a position that is in line with today's call for hybrid societies where we all, writers and readers, may feel we are both in and outside alterNATIVE worlds, near and far away from the books' characters, placed in “interruptive, interrogative, and enunciative” spaces (Bhabha, 1994: 103), instead of being trapped in loci that are closed to each other. Translations are, after all, mediations; they are the Third Space, building bridges for fruitful intercultural dialogue and mutual understanding.

Keywords: translation; imagination/representation; Nation; Native CanLit; locus-focus.



ESPAÇOS REVERSOS DO HERÓI e do ANTI-HERÓI na HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

Pedro Balaus Custódio⁸

Resumo

Na *História Trágico-Marítima* de Bernardo Gomes de Brito, o rosto lusitano surge-nos dilacerado pela dor e pelas amarguras de uma vida atribulada pelos flagelos do mar. As rugas da alma portuguesa acusam o envelhecimento e o cansaço, juntamente com o esgotamento que marca este período histórico, onde confluem já muitos anos de navegações e tão grandes perigos e enganões.

Os narradores destes relatos de naufrágios, em lugar de exaltarem falsamente um heroísmo que (já) não existe, preferiram enveredar pela verdade, descrevendo os espaços da tragédia e da excruciante realidade das suas experiências de vida.

Na verdade, são esses lugares de perdição do reino, "tão conformes nos desejos de nossa destruição, e passando por tantas brigas, por tantas fomes, calmas, frios e sêdes, nas serras, vales e barrancos, (...) onde tantos homens, mancebos, rijos e robustos, acabaram seus dias, deixando os ossos insepultos pelos campos (...)." (*Nau S. Bento*)

Com base nas descrições desses copiosos espaços e momentos da tragédia marítima, esta comunicação pretende apontar alguns exemplos em que se pode entrever, com absoluta transparência, as faces de um *anti-herói português* que não deixa de nos emocionar pela sua franqueza e realismo.

Estes retratos de homens e de lugares de descoberta desmistificam a tradicional imagem gloriosa e temerária dos marinheiros que, nestas narrativas, fazem da desgraça a sua bandeira, e da miséria o seu destino. Deles sai reforçada a imagem de um homem português, *mártir da vida*.

Esta aparente antítese, que encena um *miserabilismo glorificante*, revela um gosto maneirista ou barroco, na medida em que suscita no leitor diferentes sentimentos. Se, por um lado, provoca comiseração, por outro, faz sobressair a frágil estatura deste navegador perante as invetivas do destino, se bem que a antiga *força humana* do herói o tenha definitivamente abandonado.

Ora, a *História Trágico-Marítima* apresenta-nos uma das etapas do percurso deste aventureiro português, *herói e anti-herói*, mártir de uma vida de procelas superiores às suas forças.

Enquanto os antigos navegadores retornavam célebres das suas viagens, trazendo tesouros que os compensavam dos tormentos e perigos vividos, "os infelices navegantes Portuguezes, de que falla esta História Trágico-Marítima, na longa, e perigosa navegação dos mares do oriente deixavaõ os thesouros que traziaõ para a Patria (...) humas vezes no coração voràs do Oceano, e outras nas desertas e incultas prayas de africa". O sucessor do herói épico d' *Os Lusíadas* assume-se, pois, neste espaço de tragédia, como um *perdedor* e um *vencido*.

⁸ Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra (balaus@esec.pt)



O movimento renascentista feneceu e, no horizonte, começavam a ganhar vulto os contornos da estética barroca. Este *novo homem*, esboçado no cruzamento de dois tempos, emerge das águas revoltas, inaugurando uma outra concepção do mundo e da vida. Outrora engrandecido pelas glórias ilustres, este *outro homem* é, agora, um sobrevivente à tona de água de um mundo novo e distinto.



ESPAÇOS BIPARTIDOS: CONSTRUÇÃO DIEGÉTICA E GRAFISMO EM AS DUAS ESTRADAS, de ISABEL MINHÓS MARTINS e BERNARDO CARVALHO, e CONTA-QUILÓMETROS, de MADALENA MATOSO

Sara Reis da Silva

Instituto de Educação
Centro de Investigação em Estudos da Criança
Universidade do Minho
sara_silva@ie.uminho.pt

Na literatura que tem na criança o seu preferencial destinatário, um reconhecido impulso criativo e experimental tem ditado a criação de obras cuja configuração semântica decorre não apenas do discurso literário, mas também de um peculiar discurso gráfico, no qual são mobilizadas estratégias como o uso ou a variação intencional da componente cromática, bem como, em certos casos, de recursos como o *pop-up*, o *pull-the-tab* ou o *mix-and-match*. Os álbuns narrativos que constituem o *corpus* textual do presente estudo materializam diversamente o que vimos de mencionar. Ficcionando ambos um percurso por espaços duais, que motivam uma pluralidade de peripécias, propõem, igualmente os dois, duas viagens, dois itinerários. Os espaços físicos constituem, pois, simultaneamente cenários de deslocação física e contextos de uma especial efabulação.

Se, em *As Duas Estradas* (2009), se assiste ao cruzamento de dois itinerários feitos de automóvel, mas concretizados distintamente, pelas diferentes opções por viajar numa auto-estrada (A1) ou numa estrada nacional (N126), aspecto visualmente recriado pelo uso da cor azul e da cor vermelha, respectivamente, em *Conta-Quilómetros* (2016), a dicotomia espacial é substantivada no corte ou na divisão em duas partes das diversas páginas. Por outras palavras, sendo uma publicação “às tiras” ou *mix-and-match*, o jogo de leituras e interpretações possíveis é ostensivamente desafiador. A construção narrativa de ambos os álbuns assenta, por conseguinte, de forma determinante, tanto na alternância como na concomitância de espaços físicos, preenchidos de pormenores, alguns deles humorísticos, acentuando-se o efeito-surpresa e, mesmo, o carácter tendencialmente fragmentário, cada vez mais singularizadores de objectos literários como os dois seleccionados. Acrescente-se, ainda, o facto de, nas obras escolhidas, o espaço se articular funcionalmente com as restantes categorias narratológicas – em especial, com as personagens e com o tempo –, emergindo da sua configuração significativas incidências semânticas.



A KINDRED BETWEEN THE HUMAN BEING AND THE LOCALITY: ANCESTRY AND PLACE IN ‘SALEM LITERATURE’

Clara Reiring, M.A.

a.r.t.e.s. graduate school for the Humanities Cologne

University of Cologne, Germany

Few places in the United States are as synonymous with specific events as Salem, Massachusetts, location of the only organized witch trials in American history in 1692. Salem has thus become a prominent lieu de mémoire (Pierre Nora), a site of memory, and its haunting legacy has made it one of the most frequently used settings in American literature: to this day, over 50 works of fiction discuss Salem’s history and spatiality. Thus, what I term ‘Salem literature’ has itself become a lieu de mémoire.

In my analysis of Salem as a literary space, I want to look in particular at the depiction and construction of contemporary Salem (as ‘Salem literature’ has seen a distinct increase since the 1990s) and trace recurrent elements, one of the most prominent of which is the emphasis on genealogical connections between contemporary Salemites and people involved in the 1692 trials. In *Time Maps: Collective Memory and the Social Shape of the Past*⁹, sociologist Eviatar Zerubavel claims that “consanguinity (‘blood’) is the functional equivalent of geographical proximity (‘place’) in the way we mentally construct ‘natural’ connectedness”,¹ a statement which holds true looking at literary renditions from Hawthorne’s *The House of the Seven Gables* (1851) to contemporary works such as Katherine Howe’s *The Physick Book of Deliverance Dane* (2009) or Brunonia Barry’s *The Fifth Petal* (2017). In this paper I therefore want to discuss the American search for one’s roots in one of the most contested places of the country and the role literature plays in discussing this connection on a personal and on a national level.

Biographical statement: Clara Reiring is a PhD candidate and scholarship holder at the a.r.t.e.s. graduate school at Cologne University where she is currently conducting her thesis on “Memory and Space: Salem in American Literature” in North American Studies under the supervision of Prof. Dr. Hanjo Berressem. She holds a bachelor’s and master’s degree from Heinrich-Heine-University Duesseldorf, and has presented papers at conferences in Germany and the United States.

⁹ Eviatar Zerubavel: *Time Maps. Collective Memory and the Social Shape of the Past*. Chicago: University of Chicago Press, 2003, 56



REPLICANT PLACE NAMES: THE CONSTRUCTION OF THE UCHRONÍA OF SANTIAGO DE COMPOSTELA IN *FRAGMENTOS DE APOCALIPSIS*

ALBA ROZAS ARCEO¹⁰

This paper is part of the interdisciplinary research project “The projection of place: Compostela and the Geoliterary Imaginary (1844-1926). Geographic Information Systems and Spatial Humanities”. It is the first Spanish project that studies the modern emergence of the cultural and literary space of Santiago de Compostela, by using literary cartography to explore the possibilities and limitations to represent a symbolic production.

This work aims at analysing the problems of cartographic representation using *Fragmentos de Apocalipsis* (1977) by Torrente Ballester. This novel offers a critical vision of the daily life and the inhabitants of Santiago de Compostela. In *Fragmentos de Apocalipsis*, the main character is a writer who creates a novel developing facts from an alternative spatial location that constitutes the counterfactual representation of Santiago de Compostela. Torrente starts his fictional project from a reformed site, showing that settings can support a historical alternative with a remodelled urban space. Therefore, it is essential to analyse the specific spatial features of *Fragmentos de Apocalipsis* which support the alternative history, and which justify this cartographical study.

In order to analyse the spatial characteristics of Santiago de Compostela in this novel, it is necessary to clarify the relationship between literary and real spaces. With this aim in mind, a classification for the geographical information of the text is mandatory. This classification stems from the elements of the city elaborated by Kevin Lynch in *The Image of the City* (1960), and from the classification explained by Barbara Piatti in *Die Geographie der Literatur* (2008).

Based on these two accounts, the classification considered in this paper includes three main categories that support the creation of the alternative space of Santiago de Compostela: settings (smallest mappable unity); transformed places (spaces whose name has been deformed or with physical changes); and specifically, replicant place names (spaces whose name has been developed from a pre-existing place name).

To show the process of spatial construction from the real city of Santiago de Compostela, it is necessary to map the previous categories. To do this cartographic representation I will use a Story Map by Esri. Story maps combine interactive maps with narrative text, images and multimedia content, which facilitate user experience. Since geography is used as the way to present information, the story map allows the representation of the pattern of the transformed places in Santiago’s geographical context. This cartographic representation will allow the study of construction, the specific treatment and the characterization of space in this novel.

¹⁰ Universidade de Santiago de Compostela (alba.rozas@usc.es)



QUEERING THE HETERONORMATIVE SPACE: A COMPARISON OF WHITLEY STRIEBER'S *THE HUNGER* and its FILMIC ADAPTATION

Eunju Hwang¹¹ (Professor, Department of English, Sogang University 1 Shinsudong, Mapoku Seoul 121-742)

E – mail : ejhwang@sogang.ac.kr
(02) 705- 8293

Abstract:

A female vampire is more threatening than a male vampire because, as Barbara Creed argues, “she disrupts identity and order” (1993, 61). There is no vampire that proves this better than Miriam in Whitley Strieber’s *The Hunger*. She seduces Sarah who has never doubted her heterosexual identity and makes her kill her own boyfriend in the end. As a beautiful, young, married woman in leisure class, living in a townhouse with a well-tended rose garden in Sutton Place, Miriam’s life on the surface is seemingly close to the ideal of the heteronormative society. The inside of the house, however, is fully equipped for her double life: a furnace in the basement to burn the evidence of her “crime” and a catacomb for her everlastingly (un)dead ex-lovers in the attic. It is also her fortress that guards her while she is asleep and a snare where she lures her victims in and never lets them out. New York in the late 1970s and early 80s becomes a perfect habitat for Miriam with its large population, the high rate of population turnover, high crime rates, and individualistic lifestyle. Miriam, presumably the “last” of her species, transfuses her blood to turn a human into a semi-vampire, who can defy aging and death only “temporarily.” Sarah’s identity as a human as well as a heterosexual is disrupted, and she is both fascinated with and disgusted by her hunger for blood and her desire for Miriam. Despite the novel’s endorsement of heterosexual relationships as the only true love, it is Sarah who is punished by eternal death locked in Miriam’s chest and it is Miriam who survives.

In this study of *The Hunger* the novel and its Tom Scott’s film adaptation, I will attempt to answer the following questions: (1) what is so special about NYC to be a perfect setting for a bisexual vampire story? and (2) what does happen when the strong sense of place is removed in the filmic adaptation? In doing so, I will illuminate the significance of the contrast between her affluent neighborhood—its “innocent brightness” that is nothing but “a repulsive falseness” (87)—and the dark streets near Port Authority where John haunts to find easy victims among prostitutes. The filmic

¹¹ Doctor of Philosophy, English , May 2006. Purdue University, West Lafayette, IN.

Primary Area: American Literature 1865-1945

Secondary Area:

American Literature 1945-present

Dissertation : William Faulkner ’ s Art of Becoming: A Deleuzean Reading

Committee : John N. Duvall (chair), Robert P. Lamb, William J. Palmer, Daniel W. Smith



adaptation, due to the low budget, could shoot only a few street scenes from New York and had to be shot mostly in London. Queering the public (and thus heterosexual) space in the novel does not happen in the film since the lesbian desire between Miriam and Sarah is portrayed only in the private space, within Miriam's fort-like house. I will also discuss the significance of filming locations, especially focusing on the ending scene with Sarah looking down the city from a terrace in Cromwell Tower, a high rise building in London, in contrast with the ending of the novel, in which Miriam starts a new life with a male human companion in San Francisco.



RELAÇÕES ENTRE O ESPAÇO E A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM DO POETA: UM ESTUDO METACRÍTICO DE *O ALBATROZ E O CHINÊS*

Elisabete da Silva Barbosa¹²

Antônio Candido (2010) em *O Albatroz e o Chinês* faz uma análise de como o poeta e seu trabalho criativo é representado no texto literário. Em sua perspectiva, enquanto a poesia de Baudelaire buscava a representação da natureza e figuraria predominantemente como mimese, a de Mallarmé seria a signatária do rompimento com a criação desse tipo em busca de desenvolver uma escrita como artifício, ou, nas palavras de Candido (2010, p. 23), para “confiar totalmente na força criadora da palavra”. Tal mudança de perspectiva, no que concerne à representação da figura do poeta e do seu trabalho, é discutida por Candido a partir das relações espaciais que o poeta mantém com o seu entorno, seja com o espaço aberto (a natureza), seja com o espaço fechado (o próprio escritório ou, mesmo, a página em branco), o que repercute não somente no modo como os escritores concebiam a imagem do poeta e do ato criativo, mas, também, no resultado final de suas escritas.

¹² Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia.